LOGOS UNIVERSITY INTERNATIONAL
DEPARTAMENTO PÓS GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO INTERNACIONAL EM EDUCAÇÃO

DENIZE DA ENCARNAÇÃO PONTES

**A POTENCIALIDADE DAS HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A FORMAÇÃO
DE LEITORES PROFICIENTES NUMA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL**

MIAMI, FLÓRIDA

2020

DENIZE DA ENCARNÇÃO PONTES

**A POTENCIALIDADE DAS HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A FORMAÇÃO
DE LEITORES PROFICIENTES NUMA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Educação da Logos University International como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador Prof. Dr. Eduardo Fofonca

MIAMI, FLÓRIDA

2020

Denize da Encarnação Pontes

**A Potencialidade das Histórias na Educação Infantil: A Formação de Leitores
Proficientes numa Escola Pública Municipal**

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Eduardo Fofonca
Instituição Unilogos/UFPR

Prof. Dr^a. Raquel V. Schoninguer
Instituição Unilogos-SEED-Florianópolis

Prof. Dr^a. Fabiana Rodrigues
Instituição Unilogos/PUC-PR

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Educação.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof. Dr. Eduardo Fofonca
Orientador

MIAMI, FLÓRIDA
2020

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, antes de tudo, a Deus, que com sua infinita sabedoria, foi um importante guia na minha trajetória, não me deixando fraquejar frente aos obstáculos enfrentados e também ao meu companheiro de vida que sempre me apoiou e esteve ao meu lado.

AGRADECIMENTO

Agradeço imensamente a Deus, que é tudo que há de mais importante na minha vida, não me deixando sozinha em nenhum momento e me dando doses de coragem para continuar.

Aos meus pais, que sempre foram um exemplo de vida para mim e que me deram a melhor formação moral e ética com o propósito de seguir com firmeza em meu caminhar.

Agradeço também ao meu orientador Prof. Dr. Eduardo Fofonca por todo apoio e paciência ao longo da elaboração do meu projeto final. Da mesma forma, gostaria de deixar um agradecimento especial a instituição de pesquisa Logos University International por possibilitar a execução deste trabalho científico.

Ao Prof. Dr. Gabriel Lopes, por nos transmitir e partilhar seus conhecimentos imensuráveis.

Ao meu companheiro e parceiro incondicional, Edgar Fernandes, que me deu toda força e incentivo para prosseguir nesta jornada, com foco e Fé.

A minha querida amiga Cristina Pereira de Oliveira, por me encorajar com seus pensamentos positivos e palavras carinhosas, sempre que o desespero me rodeava.

Também agradeço à amiga e colega de trabalho Prof^a. Adenice Menquini, por me passar um pouco da sua experiência, quando participou do seu curso de Mestrado, trazendo-me grande motivação e encorajamento para não desistir.

E a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização da minha pesquisa.

Agradeço finalmente com a frase que mais utilizei, em cada etapa vivida desta pesquisa científica, como uma inspiração e determinação: “Mantenha o foco no objetivo, centralize a força para lutar e utilize a Fé para vencer! ” ... (Autor desconhecido)

“Não basta saber ler que ‘Eva viu a uva’. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho. ”

(Paulo Freire)

RESUMO

A utilização da leitura nos contextos sociais e educacionais permanece um conceito incontestável de extrema importância, estando cada vez mais presente na sociedade contemporânea. Estar informado e conectado com o mundo nos remete a lidar com a leitura incessantemente. Nesse sentido, sendo a educação constituída como prática social precípua, não pode ficar neutra quanto à urgência em se formar alunos leitores que tenham discernimento necessário para compreender e enfrentar os novos desafios do século XXI. Perante este cenário, a falta de interesse dos discentes pela leitura e os desafios que essa situação enseja para os docentes, ainda permanece um grande problema a ser solucionado. Instigada pelas observações de anos de trabalho atuando como professora contadora de histórias no projeto de incentivo à leitura na Educação Infantil, segmento da pré-escola, me fez analisar o potencial de encantamento que as histórias exercem sobre o público infantil, tornando-se o objeto de estudo desta pesquisa. A importância em inserir no processo de conhecimento, já na primeira infância, compreendendo que quanto mais o tempo passa, fica mais difícil introduzir na rotina do aluno, o hábito da leitura, é um dos objetivos específicos deste estudo. Para conhecer um pouco mais sobre o assunto em pauta, busquei em autores como (ABRAMOVICH, 1997, 2001), (FOFONCA, 2012, 2015), (FREIRE, 1998, 2000, 2009), (LAJOLLO, 2005), (ROJO, 2004), (SOARES, 2003, 2004, 2018), entre outros, o embasamento para justificar a presença fundamental das histórias na formação de leitores proficientes. Nesse contexto, do ponto de vista metodológico, desenvolveu-se uma pesquisa de campo qualiquantitativa e de natureza descritiva, visto que este tipo de pesquisa tem por finalidade levantar dados sobre as opiniões e comportamento de uma população, sendo esta composta por dezessete docentes que atuam na fase pré-escola. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário semiestruturado, constituído de dez questões abertas e fechadas que versavam sobre a prática pedagógica mediada pelo uso das histórias. Com o suporte da técnica de análise de conteúdo para o tratamento dos dados, foram percorridas três etapas: Pré-análise (organização do conteúdo); Exploração do material (codificação) e tratamento dos resultados obtidos. Os resultados obtidos revelaram a importância da aplicação de histórias para o desenvolvimento do hábito de leitura nas crianças, contribuindo para a formação do leitor proficiente, bem como demonstraram que embora haja este reconhecimento, ainda há resistência em se manter essa prática nas demais modalidades de ensino. Diante dos resultados atingidos constatou-se que usufruir plenamente da potencialidade das histórias, no contexto educacional, para a formação de leitores tem sua efetividade pautada em etapas que a precedem como: uma estratégia de sensibilização dos profissionais e capacitação dos docentes a fim de promover uma implantação mais efetiva, levando em consideração, principalmente, as necessidades e interesse dos alunos, preparando-os com responsabilidade para saber exercer sua cidadania.

Palavras-chave: Educação Infantil; Práticas Pedagógicas; Histórias; Formação de Leitores.

ABSTRACT

The use of reading in social and educational contexts remains an indisputable concept of extreme importance, being increasingly present in contemporary society. Being informed and connected with the world remind us to deal with reading incessantly. In this sense, since education is constituted as a primary social practice, it cannot remain neutral as to the urgency of training student readers, who have the necessary insight to understand and face the new challenges of the 21st century. Given the scenario, the lack of interest of students in reading and the challenges that this situation pose for teachers still remain a major problem to be solved. Instigated by the observations of years of work as a storytelling teacher in this project to encourage reading in Early Childhood Education, a pre-school segment, has made me analyze the potential of enchantment that stories have on children, becoming the object of this research. The importance of inserting in the knowledge process, already in early childhood, understanding that the more time passes, the more difficult it is to introduce the habit of reading into the student's routine, is one of the specific objectives of this study. In order to know a little more about this particular subject, I have looked up authors such as (ABRAMOVICH, 1997, 2001), (FOFONCA, 2012, 2015), (FREIRE, 1998, 2000, 2009), (LAJOLLO, 2005), (ROJO, 2004), (SOARES, 2003, 2004, 2018), among others, to justify the fundamental presence of stories in the training of proficient readers. In this context, from the methodological point of view, a qualitative and descriptive field research was developed, since this type of research aims to gather data on the opinions and behavior of a population, which is composed of seventeen professors who work in the preschool phase. The instrument used for data collection was a semi-structured questionnaire, consisting of ten open and closed questions that dealt with the pedagogical practice mediated by the use of stories. With the support of the content analysis technique for data processing, three steps were taken: Pre-analysis (content organization); Exploration of the material (coding) and treatment of the results obtained. The results obtained have revealed the importance of the application of stories for the development of reading habits in children, contributing to the formation of proficient readers, as well as demonstrating that although there is this recognition, there is still resistance in maintaining this practice in other teaching modalities. In view of the results achieved, it was found that making full use of the potential of stories in the educational context, for the training of readers, has its effectiveness guided in stages that precede it as: a strategy to raise awareness among professionals and train teachers in order to promote a more effective implementation, taking into account, mainly, the needs and interests of students, preparing them with responsibility to know how to exercise their citizenship.

Keywords: Early Childhood Education; Pedagogical practices; Stories; Training of Readers.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	3
1.1 Desafios da pesquisa	5
1.2 Problema de pesquisa.....	6
1.3 Justificativa.....	6
2 OBJETIVOS	7
2.1 Objetivo Geral	7
2.2 Objetivos Específicos.....	8
CAPITULO I	11
1 A LEITURA E A FORMAÇÃO DO CIDADÃO	11
1.1 O papel do professor na formação de leitores	21
1.2 A Literatura Infantil	25
CAPITULO II.....	28
2 AS NARRATIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	28
2.1 A contação de histórias: magia e encantamento	30
2.2 O potencial das histórias na Educação Infantil.....	33
2.3 O despertar do leitor proficiente	35
CAPITULO III	40
3 CAMINHOS DA PESQUISA.....	40
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA	41
3.1.1 Contexto da pesquisa.....	42
3.1.2 Sujeitos da Pesquisa: ouvindo os professores.....	43
3.2 ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA: O USO DO QUESTIONÁRIO	43
3.2.1 Procedimentos Analíticos	45
CAPITULO IV	46
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	46
4.1 Procedimento de Análise.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	63
APÊNDICES.....	68
APÊNDICE A	70

APÊNDICE B	71
APÊNDICE C	72
APÊNDICE D	73
ANEXOS A	74
ANEXOS B	74
ANEXOS C	75
ANEXOS D	76
ANEXOS E	77
ANEXOS F.....	78
ANEXOS G.....	79
ANEXOS H.....	80
ANEXOS I	81
ANEXOS J.....	82
ANEXOS K.....	83
ANEXOS L	84

1 INTRODUÇÃO

Refletir sobre a prática de leitura como principal instrumento para a formação do leitor, a partir da Educação Infantil, nos leva a acreditar na possibilidade de mudança social e econômica dos cidadãos que lutam por um lugar digno dentro dessa sociedade capitalista. Cada vez mais se evidencia que a utilização da leitura nos contextos sociais e educacionais permanece um conceito incontestável de extrema importância, estando altamente presente na sociedade contemporânea.

Esclarecer os motivos que me levaram a desenvolver este projeto, implica também, destacar parte da minha história profissional, onde atualmente sou Professora e atuo como Contadora de Histórias no Projeto de incentivo à Leitura, desenvolvido na Secretaria de Educação da cidade de Praia Grande/São Paulo, atrelado a uma Rede de Bibliotecas Escolares, razão esta da escolha do tema desta dissertação.

Formada em Pedagogia pela Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES) e Pós-Graduada em Educação Infantil pela Universidade Castelo Branco, UCB, São Paulo; assim que entrei para o Projeto Contação de Histórias, procurei aperfeiçoamento profissional na área específica, participando e concluindo a Pós-Graduação Contadores de Histórias e Mediadores da Leitura pela Faculdade da Aldeia de Carapicuíba, FALC, São Paulo.

Concomitante a esse período, entrei para o referido Projeto em 2016, onde pude vivenciar na prática, a influência que as histórias exercem junto às crianças atendidas. Com visitas realizadas semanalmente nas Unidades de Educação Infantil, o Projeto denominado Contação de Histórias, visa despertar o prazer em ler e conhecer os livros, já na criança da fase pré-escolar, onde o professor (a) contador (a) de histórias realiza a mediação entre o aluno e o livro.

O interesse pela pré-escola permeia toda a minha carreira profissional. Sempre estive ligada a essa fase nas diversas escolas onde trabalhei o que me trouxe também muita deleitação ao constatar, através do projeto, o encantamento que as histórias causam nas crianças, sendo uma excelente prática pedagógica, quando bem aplicada.

Partindo dessa experiência, surge então a necessidade de uma investigação mais apurada a respeito dessa magia que as histórias conseguem despertar, visto que, lidar com a questão do hábito da leitura no ambiente escolar continua sendo algo desafiador para os educadores.

Sabe-se também, que o acesso ao ensino da língua materna não tem garantido a competência dos alunos para realizarem a compreensão de um texto, onde uma parte considerável de pessoas que aprenderam a ler e escrever na escola não consegue interpretar o que leem.

Para Theodoro (1995, p. 23), o cidadão é como uma planta que, desde a forma de semente, precisa ser cuidada para que cresça forte e bonita. Assim é a criança no mundo da leitura. Para se fazer leitores é necessário cultivar os atos de ler e entender. Frente a isso, acredita-se que é na infância o período mais adequado para haver maior concentração e preocupação no desenvolvimento da leitura. E para facilitar a entrada da criança no mundo da leitura e da escrita nada melhor do que as histórias, tendo o adulto como mediador desse processo.

Entretanto, observa-se que, no cenário atual, estudos já são realizados na literatura da área da educação, onde pesquisadores ao longo dos anos tratam com grande propriedade essa abordagem, tornando-se um assunto de extrema relevância e preocupação no mundo acadêmico. Porém, esses estudos acabam, na maior parte dos casos, esbarrando na preocupação direta com a leitura, onde percebe-se que geralmente as práticas de leitura são aplicadas apenas como decodificação de códigos, e não com inserção de estratégias pedagógicas que contribuam para a formação de leitores proficientes.

Com o intuito de conhecer um pouco mais sobre a abordagem da leitura, buscou-se em autores como Abramovich (1993, 1997, 2001), Freire (1988, 2000, 2009), Lajolo (2005), Novaes Coelho (2000), Rojo (2004), Soares (2003), Fofonca (2015) entre outros, o embasamento para justificar a sua relação com as histórias na Educação Infantil.

Abramovich (1997, p. 23) nos diz que o escutar pode ser o início da aprendizagem para se tornar um leitor. Ouvir muitas e muitas histórias é importante para se integrar num mundo de descobertas e de compreensão do mundo. As histórias podem fazer a criança ver o que antes não via sentir o que não sentia e criar o que antes não criava.

Como professora polivalente, tive a oportunidade de permanecer com uma única turma por um período de quatro horas diariamente e com ela desenvolver os conteúdos pedagógicos esperados na sala de aula, mesclando-os com os conhecimentos vindos da Pedagogia. A experiência advinda da vivência em sala de aula fez-me acreditar ainda mais na potencialidade das histórias na Educação Infantil para a formação de leitores proficientes, onde sempre busquei trabalhar com projetos de incentivo a leitura, e percebia o quanto era fascinante para as crianças o momento de ouvir e interagir com as histórias.

Nessa fase, eu trabalhava durante um período na escola particular com crianças da pré-escola, cuja faixa etária, na época, variava entre quatro e seis anos de idade, o que me trouxe uma grande vivência na criação de projetos voltados a importância do ato de ler e compreender.

A partir de 2002, ingressei no serviço municipal através de concurso público, o que me levou a conhecer uma outra realidade. Após alguns anos, fui chamada para atuar com a equipe técnica da direção de uma escola e em seguida com projetos de leituras, mais especificamente com a contação de histórias.

Ao iniciar o trabalho com visitas às escolas, observei o quanto minhas histórias encantavam as crianças e como poderia estar contribuindo na formação de leitores proficientes.

Acredito na potencialidade das histórias como um instrumento capaz de transformação e contribuição ao processo educativo dos alunos em todos os segmentos e, principalmente, para os que estão na pré-escola. Essa crença torna-se esperançosa quanto às possibilidades do trabalho desenvolvido pelos professores que atuam, principalmente na Educação Infantil, mas, como cita Paulo Freire:

Não quero dizer, porém, que, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade, assim, convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita de água despoluída (FREIRE, 2001, p. 10).

A esperança crítica que tenho na Educação Infantil instiga-me a querer pesquisar os dilemas e as possibilidades do potencial das histórias nas crianças desse segmento, a querer adentrar nesse universo, acreditando que assim, poderemos lutar por uma educação transformadora.

1.1 Desafios da pesquisa

Entretanto, considerando a complexidade relacionada à falta de interesse pela leitura por parte dos discentes e os desafios que essa situação enseja para os docentes, emergem algumas reflexões acerca das ferramentas pedagógicas utilizadas na prática do professor para incentivar o hábito da leitura, que possam assegurar uma continuidade do processo de formação de leitores, desenvolvendo ações pedagógicas com intencionalidade para a formação do leitor proficiente.

Dessa forma, partindo do pressuposto que a aprendizagem deve acontecer de maneira significativa à medida que o professor prioriza as necessidades e interesses de seus alunos, têm-se como eixo deste estudo a utilização das histórias como um instrumento de melhoria da prática

pedagógica para o incentivo ao hábito de ler, despertando um maior interesse no aluno e elevando o nível de participação destes na vida em sociedade.

Nesse sentido, surge uma problemática que tem como foco analisar a utilização desse instrumento pedagógico no âmbito da escola pública e sua influência na formação do leitor proficiente.

1.2 Problema de pesquisa

A partir de toda a contextualização da investigação, o problema se coloca como: é possível os professores contribuírem para resolver o fenômeno da formação do hábito de Leitura, para que o mesmo se torne parte integrante da vida do aluno?

1.3 Justificativa

Sabe-se hoje, que novas formas de Leitura surgiram na últimas décadas e continuam surgindo devido à disseminação de dispositivos digitais e textos digitais, e que não adianta os educandos decodificarem palavras, soletrar sílabas, aprender os fonemas, se os mesmos não são capazes de compreender o que o texto tem a proferir.

Segundo Fofonca (2015), a sociedade contemporânea vive a ubiquidade tecnológica em sua plenitude, onde se faz necessário a inserção de um novo paradigma educacional que busque compreender os espaços formativos contemporâneos e as novas experiências de letramento em torno da cultura digital. Consequentemente, essa nova era digital vai exigir a formação de um leitor que tenha potencial para saber, com criticidade, analisar um texto.

Nesta perspectiva, este trabalho científico busca contribuir, primeiramente, para a importância em se formar alunos leitores, acreditando-se na potencialidade das histórias como uma excelente estratégia pedagógica, para que, antes mesmo de saber ler, o aluno saiba interpretar e compreender o que está contido nos textos, sejam eles digitais ou impressos.

Embora as políticas educacionais de inclusão digital realizaram um enorme investimento financeiro, por meio de programas e projetos governamentais com o objetivo principal de integrar as tecnologias ao processo educativo, há de se considerar a necessidade de um novo olhar para a questão da Leitura dentro dos espaços escolares.

Todavia, como esclarece Rojo (2015), a escolarização, no caso da sociedade brasileira, não leva à formação de leitores e produtores de textos proficientes e eficazes e, às vezes, chega mesmo a impedi-la. De fato, e em concordância com a escritora, ler continua sendo coisa das elites, no início de um novo milênio.

Rojo também reforça, que isso se dá, em boa parte, porque as práticas didáticas de leitura no letramento escolar não desenvolvem senão uma pequena parcela das capacidades envolvidas nas práticas letradas exigidas pela sociedade abrangente: aquelas que interessam à leitura para o estudo na escola, para que o currículo se cumpra.

Nesse sentido, denota-se também como justificativa para realização deste estudo o fato de compreender que a ação pedagógica ainda está pautada em uma dimensão conteudista, onde acaba resultando no desinteresse do aluno pela aprendizagem e consequentemente pela leitura como forma de prazer em querer conhecer cada vez mais.

Dessa forma, deve-se analisar uma nova organização didática para o uso das estratégias de Leitura, com práticas pedagógicas que sejam ressignificadas numa ótica social de transformação e formação de alunos mais críticos e atuantes.

Portanto, busca-se com esta pesquisa, contribuir para um trabalho de conscientização, junto aos educadores, fazendo-os acreditar na importância da leitura como ação transformadora, bem como no potencial de encantamento das histórias na formação integral do aluno, e com isso desenvolver práticas de ensino com intencionalidade e conscientização do futuro leitor que se pretende formar.

Só assim o mundo poderá se tornar outro, com mais significados, compreensões e com cidadãos formadores de opiniões, sabendo atuar com cidadania e responsabilidade.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar o potencial de envolvimento que as histórias exercem sobre as crianças da pré-escola, consideradas em termos escolares participantes da primeira infância, para o desenvolvimento do hábito da leitura, sendo um excelente elemento didático-pedagógico.

2.2 Objetivos Específicos

- Conceber de forma crítico-reflexiva posicionamentos de teóricos e educadores acerca da abordagem das histórias na Educação Infantil, mais especificamente, na primeira infância.
- Analisar a atuação dos professores que ministram aulas na Educação Infantil, segmento pré-escola, frente ao desenvolvimento de suas práticas pedagógicas, em sala de aula, com foco na formação de leitores.
- Inserir as histórias, no processo de ensino aprendizagem, já na primeira infância, como um processo contínuo para se formar leitores proficientes.

Partindo dessa premissa, emerge o interesse de ter como público alvo os professores que atuam na Educação Infantil, no segmento pré-escola, ressaltando a relevância em buscar práticas pedagógicas inovadoras que utilizem as histórias como ação transformadora, para que se consiga por meio da leitura, formar cidadãos críticos e com potencial para compreender e interpretar o mundo.

Para investigar o tema, e seus objetivos, a pesquisa foi organizada da seguinte forma: Capítulo I contendo as seguintes abordagens: A leitura e a formação do cidadão; O papel do professor na formação de leitores; A literatura Infantil. Nesse capítulo buscou-se apresentar uma breve visão geral da situação em que se encontram os alunos frente, a ausência do hábito de leitura, reafirmando, após análise dos indicadores do PISA 2018, que formar leitores deve ser um dos compromissos essenciais da educação para a cidadania. O cenário apresentado leva-nos a refletir sobre a questão da incapacidade que os alunos possuem na compreensão de textos, sendo preciso desenvolver habilidades e competências, já na primeira infância, para navegar nesse mundo novo, extremamente importante para uma participação ativa na comunidade, na economia e na vida pessoal. Com isso, a atividade docente fica, então, caracterizada pelo desafio permanente dos profissionais da educação em estabelecer relações interpessoais com os educandos, de modo que o processo de ensino aprendizagem seja articulado e que os métodos utilizados cumpram os objetivos a que se propõem, cultivando nos alunos a motivação para ler, incluindo a percepção de controle sobre o que é lido. Também foi abordado a respeito da dimensão do trabalho pedagógico que pode ser desenvolvido utilizando a arte literária. A Literatura Infantil nos coloca direto com a criança, permitindo criar laços com os que estão ao nosso redor. Ela é nutrição, socialização e, sobretudo, humanização. E quando bem trabalhada no espaço escolar, revela-se um verdadeiro tesouro na preparação de nossas crianças para a vida.

Já o Capítulo II está composto com as seguintes abordagens: As narrativas na Educação Infantil; A contação de histórias: magia e encantamento; O potencial das histórias na Educação

Infantil; O despertar do leitor proficiente. Considerou-se extremamente relevante envolver essas temáticas por encontrar nas narrativas de histórias na Educação Infantil, uma ação educativa indispensável que amplia a visão de mundo e potencializa o processo educativo de forma prazerosa. Nessa mesma ótica, inclui-se a contação de histórias, sendo também uma das propostas de incentivo à leitura que mais atrai o público infantil. Amparada por um aporte teórico com vasta experiência, fica claro que o ato de escutar histórias contribui significativamente para que a criança seja um bom leitor e ouvinte, e é por meio dessa prática que a leitura vai se apresentando e proporcionando um caminho amplo de descobertas e de compreensão do mundo. Por fim, analisa-se também à influência da Tecnologia da Informação e Comunicação, na formação da criança. E o quanto essa nova era digital, vai exigir a formação de um leitor que tenha potencial para saber com criticidade, analisar um texto, onde o ato de ler passa a ser, antes de tudo, compreender o que se lê. Aborda-se aqui, a necessidade em desenvolver a competência de leitor já na primeira infância, sendo o letramento uma etapa importante e necessária na aprendizagem e para a vida em sociedade. Em Freire (2005) e Soares (2018), procura-se apresentar aos profissionais envolvidos com a educação, a urgência em se desenvolver uma prática pedagógica que auxilie o aluno, além de aprender a ler, compreender antes de tudo, o que se lê,

No Capítulo III apresenta-se a direção percorrida durante a pesquisa, sendo dividida em: Caminhos da pesquisa e seus delineamentos que envolveram: O contexto da pesquisa; Os sujeitos da pesquisa; A análise da prática pedagógica e os Procedimentos Analíticos. Ouvir os professores tornou-se assim, parte do processo deste trabalho para análise das práticas pedagógicas que estão sendo utilizadas dentro da sala de aula referente à formação de leitores, onde o uso do questionário transformou-se em uma ferramenta imprescindível, para análise de suas colocações e posicionamentos a respeito da influência das histórias na formação de leitores.

Nesse percurso, para conhecer um pouco mais sobre aquilo que está por trás dos significados das palavras, busquei em autores como (BARDIN, 2006, 2016), o suporte enriquecedor acerca da sequência metodológica para a organização da análise do conteúdo.

Sendo assim, elaborou-se um plano de análise acerca da sequência metodológica para a organização da análise do conteúdo que envolveu três etapas: a pré-análise; exploração do material e o tratamento dos resultados.

E no Capítulo IV, propôs-se analisar os dados coletados e apresentá-los através de representação gráfica mediante o instrumento de coleta do questionário, constituído de questões

abertas e fechadas, buscando a integração com os capítulos teóricos deste trabalho, colacionando com o objeto da pesquisa;

E nas Considerações Finais buscou-se apresentar as principais reflexões e constatações decorrentes do desenvolvimento do trabalho, tendo por objetivo destacar aspectos que se entendeu ser crucial a compreensão dos significados atribuídos acerca do objeto em estudo, bem como apontando possibilidades de um novo olhar para as práticas pedagógicas de Leitura, dentro do contexto educacional.

CAPITULO I

1 A LEITURA E A FORMAÇÃO DO CIDADÃO

Vivemos em um mundo em constante mudança, em que a quantidade e a variedade de materiais escritos estão aumentando, e cada vez mais pessoas devem usar estes materiais de maneiras novas e mais complexas. Com isso, a leitura não é mais considerada uma habilidade adquirida apenas na infância durante os primeiros anos de escolarização. Suas definições mudaram ao longo do tempo, acompanhando as mudanças na sociedade, na economia, na cultura e na tecnologia. Em muitas partes do mundo, o letramento em leitura é agora a chave para a capacidade de atingir as metas individuais e participar da sociedade.

Segundo Rojo (2004), ser letrado e ler na vida e na cidadania é discutir com os textos, replicando e avaliando posições e ideologias que constituem seus sentidos; é, enfim, trazer o texto para a vida e colocá-lo em relação, com ela. Para a escritora, as práticas de letramento e de leitura escolar, em todas as disciplinas da educação básica, deveriam ser diversificadas e alargadas, de maneira a preparar nossos jovens para uma leitura cidadã, inclusive na escola.

Efetivamente, hoje, a leitura é vista como um conjunto crescente de conhecimentos, habilidades e estratégias que as pessoas constroem ao longo da vida em diversos contextos. Isso se deve à profusão descontrolada de informações na internet, onde os leitores precisam ter discernimento na escolha de fontes de informação e na avaliação da qualidade e credibilidade da informação.

Mas, infelizmente, percebe-se que o incentivo à leitura no Brasil não é um ponto forte. De acordo com a quarta edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro (IPL), 44% da população brasileira não tem o hábito da leitura. Diversos fatores contribuem para esse afastamento, como a falta de incentivo e a maneira como a leitura vem sendo apresentada aos alunos.

Conforme menciona Rojo (2004), se perguntarmos a nossos alunos o que é ler na escola, possivelmente estes dirão que é ler em voz alta, sozinho ou em jogral e, em seguida, responder um questionário onde se deve localizar e copiar informações do texto. Ou seja, somente poucas e as mais básicas das capacidades leitoras tem sido ensinada, avaliada e colocadas pela escola. É o que mostram os resultados de leitura de nossos alunos em diversos exames, como o ENEM, SARESP, SAEB, PISA, tidos como altamente insuficientes para a leitura cidadã numa sociedade urbana e globalizada, altamente letrada, como a atual.

Frente a esse contexto, reafirma-se que formar leitores é um dos compromissos essenciais da educação para a cidadania, visto que o nosso país está hoje, pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), entre os 12 piores países na leitura, e para reverter essa situação, é necessário que a população se torne leitora com competência para compreender e mudar essa realidade. Diante dessa dolorosa situação, fica claro entender quando Soares (1998), aponta que:

À medida que o analfabetismo vai sendo superado, que um número cada vez maior de pessoas aprende a ler e a escrever, e à medida que, concomitantemente, a sociedade vai se tornando cada vez mais centrada na escrita, um novo fenômeno se evidencia: não basta aprender a ler e a escrever. As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática de leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais de escrita. (SOARES, 1998, p. 45-46).

Portanto, constata-se que a leitura está cada vez mais, se tornando uma atividade fundamental na vida em sociedade, e hoje não pode mais ser vista como uma tarefa sem grande importância, que é realizada quando sobra um tempinho no final do dia de uma aula, ou ainda para que seja feita outra atividade com base nela.

Com os resultados divulgados pelo PISA, no quarto trimestre de 2019, observa-se que os desfechos não são muito animadores para o Brasil que ficou entre o 58º e 60º lugar em leitura. A variação existe por conta da margem de erro adotada pela pesquisa.

Vale ressaltar que, realizado a cada três anos, o PISA tem como objetivo produzir indicadores que contribuam para a discussão da qualidade da educação nos países participantes, de modo a subsidiar políticas de melhoria do ensino básico. A avaliação procura verificar até que ponto as escolas, de cada país participante, estão preparando seus jovens para exercer o papel de cidadãos na sociedade contemporânea.

O teste é aplicado em estudantes na faixa etária dos 15 anos e 03 meses (completos) e 16 anos e 02 meses (completos), para saber se os mesmos adquiriram conhecimentos e habilidades essenciais para plena participação na vida social e econômica.

Por conseguinte, considerou-se relevante iniciar este trabalho de dissertação citando esses dados, justamente para que se tenha uma melhor compreensão da urgência em se formar leitores proficientes.

Observa-se que, no processo de avaliação do PISA, a leitura em um sentido tradicional, é integrada com as novas formas de leitura que surgiram nas últimas décadas devido à disseminação de

dispositivos digitais e textos digitais, sendo assim, os leitores precisam estar preparados para saber ler textos, corroborar informações, detectar possíveis discrepâncias, conflitos e resolvê-los.

Nessa perspectiva, já em seus estudos no início dos anos 2000, a pesquisadora Roxane Rojo trazia uma reflexão para as diferentes formas de se entender a leitura. No desenvolvimento das pesquisas e estudos sobre o ato de ler, muitas outras capacidades foram sendo apontadas e desveladas, onde a leitura passa, primeiro, a ser enfocada não apenas como um ato de decodificação, mas como um ato de cognição, de compreensão, que envolve conhecimento de mundo, conhecimento de práticas sociais e conhecimentos linguísticos muito além dos fonemas.

Para a autora, constroem-se, desta forma, novos olhares e inúmeras possibilidades de aprendizagem, de aquisição de conhecimento e mediação, sobretudo com o surgimento da tecnologia digital.

Nesse mesmo enfoque e de acordo com o Relatório Brasil no PISA 2018, (Versão Preliminar, p.44), tecnologias em evolução mudaram rapidamente as formas pelas quais as pessoas leem e trocam informações, tanto em casa como no local de trabalho. Com isso, a matriz de **Leitura** do PISA 2018, foi revisada e ampliada para abranger as habilidades que incluam encontrar, selecionar, interpretar e avaliar informações a partir de uma ampla série de textos digitais usados dentro e fora da sala de aula.

Com base nesses apontamentos analíticos do PISA, entende-se que hoje o letramento em Leitura é extremamente importante para uma participação ativa na comunidade, na economia e na vida pessoal. Os benefícios da leitura são cientificamente comprovados, pesquisas indicam que as crianças que têm o hábito da leitura incentivado, já na primeira infância, desenvolvem melhor seu senso crítico e possuem rendimento escolar alto.

Porém, nesse contexto, o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) apontou que o Brasil tem baixa proficiência em leitura, se comparado com outros 78 países que participaram da edição de 2018, contando com uma amostra de 597 escolas e 10.691 estudantes avaliados e distribuídos por todo território, como mostram as tabelas e os gráficos a seguir:

Quantitativo de escolas e estudantes das amostras efetiva e ponderada, por região geográfica – PISA 2018.

Tabela 1 - Amostra efetiva: Quantitativo de escolas e estudantes por região

Regiões	Escolas	Estudantes participantes	Estudantes ponderados
Norte	51	982	172.016
Nordeste	187	3.313	556.533
Sul	90	1.523	302.669
Sudeste	224	4.060	868.275
Centro-Oeste	45	813	137.367
Brasil	597	10.691	2.036.860

Fonte: OCDE, Inep 2018.

Gráfico 1 - Quantitativo de escolas por região geográfica

Fonte: OCDE, Inep 2018.

Gráfico 2 - Quantitativo de estudantes por região geográfica

Fonte: OCDE, Inep 2018.

Gráfico 3 - Total de estudantes ponderados no planejamento amostral do PISA 2018

Fonte: OCDE, Inep 2018.

Enfatiza-se que para o PISA, um número mínimo de 150 escolas é requerido para cada país participante. O Brasil, por sua vez, conta desde 2006, com uma amostra maior para obter resultados mais confiáveis.

As avaliações do PISA analisam o desempenho escolar em 03 aspectos principais: leitura, matemática e ciências, onde em cada edição uma das áreas cognitivas recebe maior destaque. Em 2012, por exemplo, o foco foi em matemática; em 2015, em ciências e, por fim, **Leitura** em 2018 sendo que estaremos nos referindo somente ao aspecto da Leitura para esta pesquisa.

Destaca-se que esse programa é uma referência mundial, quando o assunto é avaliação educacional. Na edição de 2018, a pesquisa analisou 79 países, incluindo o Brasil. Criado pela OCDE (Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico) em 1997, o PISA também tem o propósito de verificar até que ponto as instituições públicas e particulares de cada nação estão preparando os alunos para exercerem corretamente seus papéis de cidadãos em nossa sociedade contemporânea.

No Brasil, o MEC possui parceria com a OCDE visando promover políticas públicas para melhorar a qualidade da educação no país, sendo o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) responsável por trabalhar conjuntamente com a equipe de amostragem na operacionalização das avaliações.

Em nosso país, são incluídos estudantes do Ensino Fundamental com matrículas referentes ao 7º, 8º e 9º anos, bem como estudantes do Ensino Médio, por conseguinte, a população total estimada de jovens brasileiros com 15 anos de idade em 2018, foi de 3.132.463 pessoas, dados obtidos pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), como mostra a tabela abaixo citada:

Tabela 2 - Total de estudantes e escolas no planejamento amostral do PISA 2018

População definida no sistema de referência	
População estimada de jovens brasileiros com 15 anos em 2018	3.132.463
População de jovens brasileiros com 15 anos matriculados em instituições de ensino no 6º ano do Ensino Fundamental ou em ano inferior	130.145
População de jovens brasileiros com 15 anos matriculados em instituições de ensino a partir do 7º ano do Ensino Fundamental (estudantes elegíveis)	2.980.084
Número de escolas com estudantes elegíveis para o PISA 2018	65.988

Fonte: OCDE, Inep 2018.

Gráfico 4 - Total de estudantes e escolas no planejamento amostral do PISA 2018

Fonte: OCDE, Inep 2018.

Vale destacar também que em 1997, quando a primeira matriz de leitura do PISA estava sendo discutida, somente 1,7% da população mundial usava a internet. Já em 2014, esse percentual subiu para 40,4%, representando quase 03 bilhões de pessoas (ITU, 2004 a).

Outro fator relevante nos remete a análise dos anos entre 2007 e 2013, onde o número de celulares duplicou, sendo que em 2013, havia quase o mesmo número de pessoas na Terra que o número de celulares e o acesso à internet banda larga aumentou para quase 02 bilhões de clientes em todo o mundo (ITU, 2014 b).

Entretanto, segundo o PISA, quando o assunto é leitura, lamentavelmente, o Brasil é o segundo pior do ranking sul-americano, com 413 pontos. Cerca de 50% dos brasileiros não atingiram o mínimo de proficiência que todos os jovens devem adquirir até o final do ensino médio, em leitura. Esse resultado representa um grande obstáculo, dificultando ou até mesmo impedindo que estudantes avancem nos estudos, tenham melhores oportunidades no mercado de trabalho e participem plenamente da sociedade.

Esse cenário relacionado à leitura abrange, por exemplo, situações de incapacidade na compreensão de textos, onde não basta acompanharmos os avanços da era digital e os desafios que ela nos apresenta, é preciso adquirir competências para navegar nesse mundo novo, sendo essa a grande dificuldade.

“O importante diante do fato da inserção ou da integração das tecnologias é não pensar, assim como em outras épocas, que somente por meio da tecnologia teremos avanços e melhoria da qualidade da educação” (FOFONCA, 2012, p.88), mas que as mudanças oportunizadas com esta integração seja reflexiva. Dessa forma, deve-se pensar em novas práticas pedagógicas para a formação de leitores, que sejam ressignificadas numa ótica social.

Na perspectiva do autor, resgata-se, portanto, o papel da escola como ambiente motivador em potencial para se formar leitores. O hábito da leitura, o saber ler e a compreensão do que se lê é indispensável para a vida social e cultural do indivíduo, onde ter acesso à boa literatura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura.

Na verdade, precisamos entender que a leitura deve ter como função a transformação da realidade, condição indispensável ao desenvolvimento social e à realização individual do educando. Ela é fonte catalizadora do conhecimento e aprendizado, por isso deve ser estimulada desde cedo para que faça parte da formação cultural do indivíduo, sendo também um princípio inesgotável de sabedoria e não como uma simples decodificação de símbolos gráficos.

Nesse contexto, Freire (1998), nos deixa um enorme legado a respeito da importância de se perceber o ato de ler numa compreensão crítica, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto

Assim, acreditamos que a premissa primeira da leitura é a de que consiste em um processo dialógico, isto é, “uma interação produtiva entre o texto e o leitor” (JOUVE, 2002, p. 61). O que significa que precisa existir um movimento dinâmico constante que sai do leitor vai ao encontro do texto e retorna ao leitor. Por meio de esse ir e vir constante, altera quem lê, altera seu modo de ver o mundo e automaticamente altera seu modo de entender-se também.

E nesse dialogar contínuo, confirma-se que a formação educacional de uma pessoa precisa estar amplamente amparada na leitura, ou seja, na formação de leitura que ela teve na sua infância, isto é, na base, solidificando o seu aprendizado e ressignificando a sua leitura de mundo.

Com isso, entende-se que a criança é capaz de ler na medida em que a leitura é compreendida como um conjunto de ações que transcendem a simples decodificação de letras e símbolos.

Trabalhar a importância da leitura nos anos iniciais escolares nos leva a refletir sobre como as crianças nas escolas têm sido apresentadas a esse tão importante instrumento de inserção social e de

descoberta do mundo. Ninguém nasce gostando de ler, isso precisa ser despertado em nós por alguém. Por isso, o hábito de ler deve ser constituído desde a infância.

Lajollo (2005, p. 07), reforça que também se aprende a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida, ficando para os professores a sensibilidade em perceber o quanto seu aluno já sabe ler.

Portanto o professor possui um papel relevante na formação de leitores e na importância do hábito de leitura, que precisa o tempo todo ser evidenciada em sala de aula, fazendo com que seu aluno desperte para a necessidade de fazer da leitura, prática constante em sua vida.

Cabe ressaltar que segundo RCNEI (Brasil. 1998, p. 140) (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL), para favorecer as práticas de leitura, algumas condições são consideradas essenciais¹ como: dispor de um acervo em sala com livros e outros materiais, como histórias em quadrinhos, revistas, enciclopédias, jornais etc., classificados e organizados com a ajuda das crianças; organizar momentos de leitura livre nos quais o professor também leia para si. Para as crianças é fundamental ter o professor como um bom modelo. O professor que lê histórias, que tem boa e prazerosa relação com a leitura e gosta verdadeiramente de ler, tem um papel fundamental: o de modelo para as crianças; possibilitar às crianças a escolha de suas leituras e o contato com os livros, de forma a que possam manuseá-los, por exemplo, nos momentos de atividades diversificadas; possibilitar regularmente às crianças o empréstimo de livros para levarem para casa. Bons textos podem ter o poder de provocar momentos de leitura em casa, junto com os familiares. Uma prática constante de leitura deve considerar a qualidade literária dos textos. A oferta de textos supostamente mais fáceis e curtos, para crianças pequenas, pode resultar em um empobrecimento de possibilidades de acesso à boa literatura. Ler não é decifrar palavras. A leitura é um processo em que o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, apoiando-se em diferentes estratégias, como seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor e de tudo o que sabe sobre a linguagem escrita e o gênero em questão.

É preciso entender que uma política de formação de leitores deve ser realizada para além de ações externas, mas fundamentalmente dentro dos espaços escolares, inserindo como meta principal no planejamento escolar, o hábito da leitura. Também se faz necessário que se trabalhe com estratégias de leitura já na primeira infância, com uma prática pedagógica que desenvolva diariamente momentos de ouvir, e conhecer as histórias na educação infantil.

¹ Os descritores das condições consideradas essenciais para favorecer as práticas de leitura foram, em sua maioria, retirados de material intitulado RCNEI (Brasília: MEC/SEF, 1998).

Fanny Abramovich (1993, p. 17) nos fala o tempo todo da leitura-prazer, da leitura que nos acompanha pelo resto da vida, da leitura fonte inesgotável de experiências insubstituíveis. Portanto, torna-se urgente que o professor domine além dos níveis de aquisição da linguagem, as estratégias de leitura, criando oportunidades para que a criança leia livros de seu interesse, pois a leitura espontânea, pessoal e selecionada pela criança é de fundamental importância para a formação do hábito.

1.1 O papel do professor na formação de leitores

Em continuidade ao assunto abordado, fica claro que as tecnologias em evolução mudaram rapidamente as formas pelas quais as pessoas leem e trocam informações, tanto em casa como no local do trabalho chegando também nos ambientes escolares. Com isso, existe hoje, uma gama de situações favoráveis para o educador incrementar suas aulas buscando proporcionar aos seus alunos atividades motivadoras, oferecendo oportunidades de leitura prazerosa e diferenciada às crianças. No entanto, a leitura escolar parece ter parado no século passado, priorizando somente o processo de alfabetização.

Segundo Rojo (2004), podemos dizer que, no início da segunda metade do século passado, ler era visto, de maneira simplista, apenas como um processo perceptual e associativo de decodificação de grafemas (escrita) em fonemas (fala), para se acessar o significado da linguagem do texto. Nesta perspectiva, aprender a ler encontrava-se altamente equacionado à alfabetização.

Entretanto, na ótica de Rojo, novas formas de Leitura surgiram nas últimas décadas e continuam surgindo devido à disseminação de dispositivos digitais e textos digitais. Por conta disso, não adianta os educandos decodificarem palavras, soletrar sílabas, aprender os fonemas, se os mesmos não são capazes de compreender o que o texto tem a proferir.

A escritora ainda destaca que mais atualmente, a leitura passou a ser analisada como um ato de interação entre o leitor e o autor, possibilitando assim a criação de outros discursos, gerando novos textos.

Do mesmo modo, Soares (2003) vem nos apresentando em suas pesquisas, que concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita vêm mostrando que, se o aprendizado das relações entre as letras e os sons é uma condição para o uso da linguagem escrita, esse uso também é uma condição para a alfabetização, o aprendizado das relações entre as letras e os sons da língua.

Na ótica de Soares, o processo de alfabetização e letramento, embora diferentes, são indissociáveis na aprendizagem inicial da linguagem escrita, onde dissociar alfabetização e

letramento é um equívoco, sendo que no quadro das atuais concepções de leitura e escrita, o mesmo se dá simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização -, e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a linguagem escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só pode desenvolver-se no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização².

Com isso, percebe-se que os leitores, também da era digital, precisam ter novas habilidades. Eles precisam ser minimamente letrados em TIC para entender e operar os dispositivos e aplicativos, ou seja, dominar o letramento em Leitura, incluindo uma ampla variedade de competências cognitivas, desde a decodificação básica ao conhecimento das palavras, até o conhecimento do mundo.

A atividade docente fica então caracterizada pelo desafio permanente dos profissionais da educação em capacitar-se para essa era digital, buscando assim, estabelecer relações interpessoais com os alunos, de modo que o processo de ensino aprendizagem seja articulado e que os métodos utilizados cumpram os objetivos a que se propõem, isto é, cultivar nos alunos a motivação para ler, incluindo o interesse e o prazer na leitura, a percepção de controle sobre o que é lido, o envolvimento na dimensão social da leitura e as diversas e frequentes práticas de leitura.

Em Abramovich (2001), na sua série publicada *Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices*, a escritora reforça que o “gosto pela leitura não é inato, mas sim despertado em nós por alguém”. Portanto, cabe ao professor proporcionar atividades diversificadas (visuais, orais e escritas) que venham a seduzir transformando a leitura em prazer que necessita ser renovado a cada dia.

Para Fanny, faz-se necessário e extremamente urgente entender que no contexto escolar, o educador será o mediador da criança com o livro, e desempenhará um importante papel: o de ensinar a criança a gostar de ler e assim, consequentemente poder influenciar no preparo dos futuros cidadãos para que estes possam atuar com mais consciência, criticidade e responsabilidade social.

E essa atestação já existia há muito tempo atrás, onde também o filósofo iluminista Jean Jacques Rousseau (1712/1778) tinha como princípio fundamental em suas obras, a ideia de que o homem é bom por natureza, mas está submetido à influência corruptora da sociedade. Ao renunciar

² Trecho do Artigo Letramento e Alfabetização: as muitas facetas, de Magda Soares (Revista Brasileira de Educação, n.25, 2004).

a liberdade, o homem, nas palavras de Rousseau, abre mão da própria qualidade que o define como humano.

Em sua obra³, Rousseau enfatiza que a educação muitas vezes escraviza mais do que liberta o aluno, ficando para o professor o papel de sugerir caminhos para reconduzir a espécie humana à felicidade. Ele tinha como objetivo não só planejar uma educação com vistas à formação futura, na idade adulta, mas também com a intenção de propiciar felicidade à criança enquanto ela ainda é criança.

Evidentemente é nesse caminho que entra a participação do docente, cuja prioridade neste mundo complexo, violento e embrutecido é tentar lutar por uma educação transformadora, que forme um ser humano que não se submeta à influência corruptora da sociedade.

Também em Freire (1988), o educador evidencia que o processo de alfabetização deve ser um ato de conhecimento e ato criador, tendo, no alfabetizando, o seu sujeito. Nesse sentido Freire reforça:

Para mim seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizados (FREIRE, 1988, p.13).

Como se pode ver, a preocupação em se formar um cidadão crítico e consciente de seus direitos e deveres vem de longa data. Por conta disso, os educadores devem planejar, implementar e avaliar constantemente uma ação pedagógica voltada para a formação do leitor proficiente, e utilizar ações inovadoras que acompanhe as necessidades do educando, torna-se prioridade. A escola, sem dúvida, é um dos espaços de inserção da criança no universo da leitura e o professor é a maior referência que a criança tem no espaço escolar.

Nessa perspectiva, Fonseca e Vanalli (2012) reafirmam que o ato de leitura é um ato cultural e social. Quando o professor faz uma seleção prévia da história que irá contar para as crianças, dando atenção para a interagibilidade e riqueza do texto, bem como para a nitidez e beleza das ilustrações contidas, automaticamente despertará um sentimento de curiosidade pelo livro (revistas, gibis etc.) e pela escrita.

À vista disso, como estratégia de leitura, evidencia-se que as histórias são o passo introdutório para a estimulação do ato de ler. Quando bem planejada, o professor pode se utilizar de inúmeras atividades para apresentação do livro no qual a história foi escrita. Com o livro na mão, a criança

³ *Emílio ou Da Educação* (1995, p.356)

descobre que há função naquele monte de letras juntas, isso abre um leque de inúmeras possibilidades e gosto pelo que se ouviu e se vê.

Dessarte, Coelho (2000, p.196) esclarece que conhecer as imagens, levar as crianças a *verem* realmente os seres e coisas com que precisam interagir na vida é, sem dúvida, uma das metas da educação atual. Daí a importância do espaço aberto à Literatura Infantil, em que a *imagem* fala tanto quanto a *palavra*.

Nessa mesma ótica, a especialista em contação de histórias Vania Dohme pontua que a prática da contação de histórias, também é uma valiosa estratégia de estímulo à leitura. Entretanto, precisa ser bem planejada com a utilização de recursos diversificados, buscando promover sessões de leitura; debates com as crianças e discussões sobre as histórias, procurando ouvi-las para saber o que querem e precisam dizer,

Para Dohme (2000), as histórias tem um valor educacional imensurável sendo excelentes ferramentas de trabalho na tarefa de educar, visto que, além das crianças gostarem muito de ouvi-las, existe uma imensa variedade de temas, exigindo poucos recursos materiais para sua aplicação.

Portanto, iniciar com histórias que possuam um texto mais reflexivo irá contribuir para que a criança acompanhe com entendimento as informações contidas na internet e redes sociais.

Ainda sobre as estratégias de leitura, Solé (1998, p.70), também nos enriquece quando expõe que as estratégias de leitura são técnicas ou métodos utilizados pelo professor para facilitar a compreensão de um texto ou ainda atividades escolhidas para auxiliar o processo de compreensão do mesmo.

E assim, para que se obtenha êxito tanto no processo de desenvolvimento pessoal da criança como a aproximação do mundo letrado, mais uma vez, entra o papel do professor. O mesmo deve estar atento à seleção das histórias, bem como notar o que é significativo para ela naquele estágio em que se encontra, bem como o que poderá lhe acrescentar.

Para Silva (1998, p.30), todo professor é um livro e, conseqüentemente, uma promessa de leitura para seus alunos. A questão é saber se esse livro se renova e revitaliza na prática do ensino, assim como de que maneira se deixa fruir pelos alunos-leitores abrindo-se à reflexão e ao posicionamento dos docentes, permitindo a produção de muitos livros e textos.

Essa colocação feita por Silva nos faz considerar, ainda mais, que é fundamental o engajamento dos educadores para o incentivo da leitura no cotidiano da criança, fazendo com que a leitura não faça parte apenas no âmbito escolar e sim, a acompanhe nas instâncias da vida.

Entretanto, segundo Almeida e Soares (2011), a escola que se constitui como um espaço de desenvolvimento de práticas sociais se encontra também envolvida na era digital, sendo desafiada a conviver com as transformações que as tecnologias e mídias digitais provocam na sociedade e na cultura, e que são trazidas para dentro das escolas pelos alunos, costumeiramente poucos orientados sobre a forma de se relacionar educacionalmente com esses artefatos culturais que permeiam suas práticas cotidianas.

Para as pesquisadoras, no momento em que distintos artefatos tecnológicos começaram a entrar nos espaços educativos trazidos pelas mãos dos alunos ou pelo seu modo de pensar e agir inerente a um representante da geração digital, evidenciou-se que as TDCI não mais ficariam confinadas a um espaço e tempo delimitados. Tais tecnologias passaram a fazer parte da cultura, tomando lugar nas práticas sociais e ressignificando as relações educativas, ainda que nem sempre estejam presentes fisicamente em todas as organizações educativas.

Mesmo assim, Almeida (2011), reforça que as tecnologias por si só não garantem a educação democrática, mas estar conectado, saber ler, participar do mundo digital e da rede de comunicação, são condições prévias e alimentadoras da liberdade, e por ela alimentada.

Assim, pesquisadores acreditam que a potencialização do ensino pré-escolar é uma das soluções para maximizar o processo de aprendizagem, melhorando o desempenho brasileiro no ranking⁴ de educação mundial, bem como, o uso de metodologias de ensino diferenciadas através da tecnologia e de metodologias ativas, como já citadas, no decorrer desta abordagem.

1.2 A Literatura Infantil

Neste momento, considera-se igualmente relevante para o desenvolvimento deste trabalho, mencionar brevemente a respeito desta arte que usa a palavra como linguagem expressiva, a Literatura Infantil, que pode auxiliar na formação do hábito da leitura.

Na perspectiva de Coelho (2000), em relação a essa formação, pode-se afirmar que a literatura é a mais importante das artes, pois sua matéria é a palavra (o pensamento, as ideias, a imaginação), exatamente aquilo que distingue ou define a especificidade humana. Além disso, sua eficácia como instrumento de formação do ser está diretamente ligada a uma das atividades básicas do indivíduo em sociedade: a leitura.

⁴ O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) apontou que o Brasil tem baixa proficiência em leitura, se comparado com outros 78 países, que participaram da edição de 2018, estando entre os 12 piores países em leitura (Fonte: OCDE, Inep 2018).

Por conseguinte, deve ser trabalhada já na primeira infância, onde o contato com a literatura mobiliza aspectos internos importantíssimos para o desenvolvimento integral da criança como: caráter, raciocínio, criatividade, sendo crítico e respeito. Mais do que um modo de cognição, ela é um alimento para a alma.

Além disso, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, BNCC, 2017, p.40) nos apresenta a importância para a criança, através de experiências com a literatura infantil.

Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros (BNCC 2017, p. 40).

Partindo desse pressuposto, pode-se compreender que, através das narrativas literárias, o educador que trabalha com a educação infantil, poderá propor experiências diversificadas que podem desenvolver novas competências e habilidades nesta fase tão importante de construção da personalidade, sendo um valioso recurso para pensar a existência humana e compreender os sentimentos, às vezes não tão nobres, que integram o ser humano.

Lippi e Fink (2012) sinalizam que:

A Literatura Infantil deveria estar presente na vida da criança como está o leite em sua mamadeira. Ambos contribuem para o seu desenvolvimento. Um, para o desenvolvimento biológico; outro, para o psicológico, nas suas dimensões afetivas e intelectuais. (OLIVEIRA, 1996 apud LIPPI e FINK, 2012)

Portanto, o contato com a literatura permite aos educadores sensibilizar as crianças no intuito, em alguns casos, de conseguir mudanças comportamentais, ajudando-as a compreenderem as mensagens das fábulas, contos, lendas e outros gêneros. Dessa forma, elas aprendem que as más condutas resultam em consequências negativas e percebem que atitudes de respeito, solicitude e tolerância trazem benefícios para uma vida construtiva e harmônica.

Do mesmo modo, os estudos e pesquisas de Bruno Bettelheim (1980) nos relatam uma forte justificativa para a compreensão dessa questão e do porque se trabalhar com as histórias, qual a importância delas para a vida das pessoas e quais benefícios são oriundos dessa ação. Apoiando-se nas investigações da Psicanálise para compreender a relação das crianças com os contos, Bettelheim especifica que os contos desenvolvem a capacidade de fantasiar das crianças, fornecendo escapes

necessários para o enfrentamento de medos internos, ansiedades, ódios e rejeições, conflitos edípicos, rivalidades e sentimentos de inferioridade.

E assim, aliviando as pressões dos problemas, os contos favorecem a recuperação mostrando que, com coragem e determinação, haverá de se encontrar as soluções possíveis para os diversos embates da vida. Ele ainda detalha:

É aqui que os contos de fadas têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ajuda mais importante: a forma e estrutura dos contos de fada sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida (BETTELHEIM, 1980, p. 16).

Bettelheim (1980) sintetiza que cada história tem significados em muitos níveis e que cada história irá ter um sentido de acordo com o estágio psicológico de desenvolvimento e dos problemas que mais pressionam a criança e sua psique naquele momento.

Desta forma, compreende-se que as narrativas são importantes instrumentos que ajudam as crianças na superação de suas diferentes etapas e na construção de novas aprendizagens. Em alguns momentos podem ter a função de estimular o raciocínio do mundo de uma maneira lógica, e em outros podem ajudá-la a superar a fase egocêntrica, ou fortalecendo sua autoestima e assim por diante. Bettelheim conclui:

Os contos de fadas e as histórias enriquecem a vida da criança e dão-lhe uma dimensão encantada, a criança se sente entendida e apreciada, sem que tudo isso lhe seja explicado pois está aquém de sua racionalidade (BETTELHEIM, 1980, p.27).

Atualmente também temos inúmeros livros com diferentes estilos e títulos para o público infantil. Entre eles estão: a literatura de cordel (poemas cantados); mitos (falam sobre os deuses e as crenças); fábulas (histórias curtas que ensinam uma lição sobre como as pessoas devem se comportar, geralmente tem um personagem animal que fala e age como uma pessoa); quadrinhas; cantigas infantis; os contos de fada que falam sobre seres mágicos como fadas, bruxas, dragões, etc., e os contos populares ou folclóricos, com suas histórias que surgem em diversas culturas.

Sendo assim, percebe-se que ler ou contar histórias vai muito além do que simplesmente dizer as palavras de um texto escrito ou oral. A narração seja ela feita de memória ou lida, precisa mostrar que quem narra entende que uma história não é feita apenas de palavras escritas, mas de imagens articuladas numa narrativa capazes de nos transportar para outros mundos.

CAPITULO II

2 AS NARRATIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Apesar de já se falar e pensar a respeito desse assunto, considera-se relevante abordar um pouco mais, por conta de compreender que através do seu uso, abre-se um leque de oportunidades para o desenvolvimento e aplicação de metodologias ativas, levando o aluno a pensar, participar e interagir com seus colegas, seja através do desenho, de sua criatividade ou diálogo.

Conforme Kaercher (2009), o ato de ouvir e contar histórias está, quase sempre, presente nas nossas vidas: desde que nascemos, aprendemos por meio das experiências concretas das quais participamos, mas também através daquelas experiências das quais tomamos conhecimento através do que os outros nos contam. Todos temos necessidade de contar aquilo que vivenciamos, sentimos, pensamos, sonhamos. E dessa necessidade humana surgiu a literatura: do desejo de ouvir e contar para, através dessa prática, compartilhar.

Dessa forma, podemos encontrar nas narrativas de histórias na Educação Infantil, uma ação educativa indispensável por ampliar a visão de mundo e potencializar o processo educativo de forma prazerosa. Como a literatura infantil prescinde do imaginário das crianças, sua importância se dá a partir do momento em que elas tomam contato oralmente com as histórias, e não somente quando se tornam leitores. Kaercher ainda reforça:

Se observarmos atentamente, veremos que é da prática de ouvir e contar histórias, que surge a nossa relação com a leitura e a literatura. Portanto, quanto mais acentuarmos no dia a dia da Educação Infantil estes momentos, mais estaremos contribuindo para formar crianças que gostem de ler e vejam no livro, na leitura e na literatura uma fonte de prazer e divertimento (KAERCHER, 2009, p. 81-88).

Deste modo, constata-se que as narrativas são importantes instrumentos que ajudam as crianças na superação de suas diferentes etapas e na construção de novas aprendizagens. Em alguns momentos podem ter a função de estimular o raciocínio do mundo de uma maneira mais lógica, em outros podem ajudá-la a superar a fase egocêntrica, ou fortalecer a sua autoestima e assim por diante.

Inclusive, segundo o Ministério da Educação (BRASIL, 2013), o ato de ouvir histórias é valioso para o desenvolvimento pessoal, auxilia na compreensão do mundo e a de si mesmo, expande referências e a capacidade de comunicação, estimula a criatividade e faz a imaginação fluir, emociona e causa impacto.

Portanto, quando há um trabalho desenvolvido pelos educadores já na Educação Infantil, disponibilizando o acesso à leitura para a criança, é visível e notória a ampliação de seu vocabulário tornando-se mais rico, bem como estimulando a criatividade e a curiosidade, passando a articular melhor suas ideias.

Sendo assim, a maneira mais sensata, eficaz e significativa de trabalhar a leitura na escola, desde as séries iniciais, é mostrar que ler não é apenas uma “atividade escolar” a mais, mecânica e descontextualizada, mas uma atividade vital, que precisa ser, desde cedo, plena de significação.

Na ótica de Abramovich (1995, p.17), desde muito cedo, a literatura pode tornar-se uma ponte entre histórias e imaginação, já que “é ouvindo histórias que se pode sentir e enxergar com os olhos do imaginário e abrir as portas à compreensão do mundo”.

Simultâneo às ideias de Fanny (1995), aprendemos que ler histórias para crianças é poder sorrir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, suscitando o imaginário, tendo a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, encontrando outras ideias para solucionar questões. Para a autora, o livro precisa ser um vício. Ler não pode ser hábito, tem que ser vício. E contar histórias e ler para as crianças, é ajudar a viciá-las.

Através de um repertório de histórias bem selecionadas e adequadas à faixa etária, o público ouvinte pode experimentar momentos de prazer, ampliando suas experiências de vida. “As histórias aumentam o horizonte dos ouvintes, com elas eles “conhecem a China”, “pisam na lua”, voam através do tempo, da pré-história aos dias de hoje, travam conhecimentos com fadas, duendes, monstros e heróis.” (DOHME, 2000, p.20).

No Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p.131), também encontramos grande ênfase dada às narrativas na Educação Infantil, para as crianças de quatro a seis anos, onde os objetivos estabelecidos deverão promover as seguintes capacidades nas crianças: ampliar gradativamente suas possibilidades de comunicação e expressão, interessando-se por conhecer vários gêneros orais e escritos e participando de diversas situações de intercâmbio social nas quais possa contar suas vivências, ouvir as de outras pessoas, elaborar e responder perguntas; familiarizar-se com a escrita por meio do manuseio de livros, revistas e outros portadores de texto e da vivência de diversas situações nas quais seu uso se faça necessário; escutar textos lidos, apreciando a leitura feita pelo professor; interessar-se por escrever palavras e textos ainda que não de forma convencional; reconhecer seu nome escrito, sabendo identificá-lo nas diversas situações do cotidiano; escolher os livros para ler e apreciar. Lógico que, para se alcançar esses objetivos, a participação da família, é sem dúvida, imprescindível.

Nesse aspecto Abramovich (2001), cita que o primeiro contato das crianças com o texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fadas, trechos da Bíblia, histórias inventadas, livros atuais e curtinhos, poemas sonoros e outros mais. Esse seria o ideal para a educação, mas não se pode desconsiderar que cada vez mais a instituição de ensino tem participado na educação de grande parte das crianças, por conta da ausência e indisposição dos pais, que desconhecem a importância em promover a inserção de seus filhos em ambiências de formação de leitores, como as feiras, bibliotecas públicas, livraria, etc.,

Nesse contexto, fica para os educadores, mergulhar nesse “mar” de infinitas situações, possibilitando estimular e inserir a criança no mundo leitor. Além disso, torna-se evidente que o hábito de ler ajuda a criar familiaridade com o universo da escrita, e esta aproximação por sua vez, facilitará a alfabetização, ajudando a ambos, docentes e discentes na construção de um leitor proficiente. E a formação desse leitor, o conduzirá à leitura e domínio dela tanto quanto o da linguagem, caminhos indispensáveis para a apropriação do conhecimento e formação dos cidadãos com maior autonomia para atuar na sociedade.

2.1 A contação de histórias: magia e encantamento

Segundo Bussato (2003), narrar não é um ato simples e banal, é uma arte que requer preparo do educador. A contação de histórias tem como protagonista principal a palavra – em que o ouvir leva ao imaginar e o narrar deve encantar.

Diante disso, considera-se pertinente incluir a contação de histórias, nesta pesquisa, para auxiliar ainda mais na compreensão do potencial que as histórias exercem sobre as crianças, sendo também uma das propostas de incentivo à leitura que mais atrai o público infantil.

Esta abordagem muito me encanta, pois vai de encontro à prática pedagógica que hoje exerço com as crianças do segmento da pré-escola, já citado anteriormente. Estar atuando diretamente com esse público leva-me a valiosa atestação do quanto às histórias encantam e contribuem para o desenvolvimento do hábito da leitura.

Desempenhar a função de professora contadora de histórias, há mais de quatro anos, na rede municipal de ensino de Praia Grande/SP, tem me proporcionado uma considerável experiência no assunto abordado, tencionando contribuir para que maior quantidade de professores tenham ciência da importância de se trabalhar com as histórias de maneira planejada, intencionalizada e crítica.

E ao sentir de perto o olhar atento de cada criança a cada palavra pronunciada e perceber sua entrada para o interior da história que está sendo narrada, sendo transportada pela magia e encantamento, me fez aprofundar ainda mais nesta investigação, estando sedenta por mais conhecimento e comprovação da potencialidade das histórias.

Nesses anos frente ao projeto contação de histórias levou-me a constatação que ainda há muito para ser feito, e pensando no contador educador, a responsabilidade é de extrema importância, pois ele deve escolher as formas corretas de passar a mensagem educacional e, ao mesmo tempo, encantar. Portanto, entender e investir nas estratégias ou técnicas que potencializam o alcance dos objetivos na contação de histórias para a formação do leitor, torna-se essencial.

Para Dhome (2000), outros fatores como por exemplo: a voz (dicção; volume; velocidade; tonalidade), o vocabulário, seleção do repertório, duração da história, o olhar para a criança e perceber a sua entrega para a imaginação, fazem toda a diferença, sendo elementos que poderão provocar na criança o despertar para a leitura. Embora ler para as crianças seja aconchegante e um ato de amor, a contação é mais íntima, permitindo maior envolvimento entre os participantes, que acontece com o olhar, os gestos, e um desenrolar apropriado ao retorno que os ouvintes estão dando

Entretanto, segundo Abramovich (2001), observa-se que não é qualquer história que estimula a criança a interessar-se pelos livros. O critério de seleção é do narrador, e o que pode suceder depois depende do quanto ele conhece suas crianças, o momento que estão vivendo, os referenciais de que necessitam e do quando saiba aproveitar o texto (enquanto texto e enquanto pretexto). As histórias quando bem escolhidas e trabalhadas, também favorecem para as crianças, a descoberta de sua identidade e proporcionam experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter, fator importante de socialização.

Ouvir histórias pode também estimular o pensar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o desenhar, o sair, o ficar, o escrever, o musicar e o querer ouvir de novo. É viver um momento de gostosura, de prazer, de sedução e de encantamento que certamente irá contribuir para a formação do leitor, desenvolvendo um hábito que passará a fazer parte da sua rotina diária naturalmente. Nesse sentido Abramovich reforça:

Ouvir histórias é muito importante na formação de qualquer criança, é o início da aprendizagem para ser um leitor e, tornar-se um leitor é começar a compreender e interpretar o mundo. Por isso precisamos ler histórias para as crianças, sempre, sempre, sempre (ABRAMOVICH, 1993, p.17).

Fanny (1993), reforça que é nesse momento mágico que o educador precisa ter a sensibilidade e percepção em saber que é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais. É ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário. A autora nos presenteia com sua colocação, enfatizando que o ato de escutar histórias contribui para que a criança seja um bom leitor e ouvinte, e é por meio dessa prática que a leitura vai se apresentando para a criança, proporcionando um caminho amplo de descobertas e de compreensão do mundo.

Efetivamente, percebe-se que a prática pedagógica da contação de histórias destaca-se também nessa apresentação, bem como na sua importância como fator de desenvolvimento das aptidões para o contato com a leitura, com a escrita, com a oralidade, estimulando na criança a sua criatividade, imaginação, formas de expressão oral e corporal, proporcionando um ambiente lúdico de aprendizagem, repleto de sentidos e significados.

De acordo com Coelho (1999, p. 15), a história é um alimento à imaginação e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral. Identificando-se com heróis e heroínas, a criança é levada a resolver sua própria situação, superando o medo que a inibe e ajudando-a a enfrentar os perigos e ameaças que sente a sua volta.

Dessa forma, o contar histórias está literalmente auxiliando nessa formação da criança, pois oferece ao leitor, além do caráter estético, também o caráter pedagógico, possibilitando o desdobramento de suas capacidades intelectuais, sem que para isso precise montar e desmontar palavras e decodificar símbolos.

Já sobre a magia da leitura, Eugenio Cunha (2013, p.41) diz: “... enquanto o leitor explora o mundo da linguagem pela descoberta das palavras, o não leitor o explora pela descoberta das imagens”.

Com todos esses benefícios citados, fica explícito que é fundamental inserir essa prática pedagógica nas escolas, como parte integrante do currículo escolar. O educador precisa entender e mostrar para os seus alunos que ler não é apenas uma “atividade escolar” a mais, mecânica e descontextualizada, mas uma atividade vital, que precisa ser, desde cedo, plena de significação.

Na ótica de Brandão e Rosa (2012), especialistas e formuladores de políticas na área parecem concordar que a atividade de leitura e contação de histórias é um componente importante na materialização do conceito de qualidade na Educação Infantil. Para as autoras, a professora que lê ou conta histórias na Educação Infantil está contribuindo para o desenvolvimento da linguagem e para a socialização de seu grupo, ampliando seu repertório de experiências e sua competência

sociocomunicativa⁵. O contador de histórias deve interagir com o público ouvinte estimulando-os a criticar e pensar através de questionamentos e reflexões sobre a história contada.

Dialogando com esse pensamento, torna-se evidente que é preciso investir na potencialização das histórias desde os primeiros anos escolares, para que o estudante esteja apto a receber novos conhecimentos e, ainda, consiga absorver melhor os conteúdos visualizados nos próximos períodos, sendo extremamente importante o despertar para o mundo da leitura e o contador de histórias é o livro da criança que ainda não lê. Portanto, entende-se que escutar histórias é o início da aprendizagem para ser um leitor.

2.2 O potencial das histórias na Educação Infantil

Como pudemos refletir, a nossa própria compreensão da vida, seja ela ampla ou não, passa por um processo de vivências de histórias e emoções. Somos uma história feita de outras tantas histórias e inserir a criança desde a infância nesse processo é deixar um legado que terá influência por toda a vida delas.

A partir disso, compreendemos o que Abramovich (1993) elucida nas afirmações referentes às emoções que as histórias bem contadas são capazes de provocar nas crianças:

Ouvir histórias é viver um momento de gostosuras, de prazer, de divertimento dos melhores.... É encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, poetura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que a história provoca... (desde que seja boa) (ABRAMOVICH, 1993, p.24)

Assim sendo, é imprescindível na rotina da Educação Infantil, existir momentos para se ouvir histórias. É através do prazer ou emoções que as histórias proporcionam, que o simbolismo implícito nas tramas e personagens, vai agir no inconsciente da criança. E assim, ajudamos pouco a pouco, a resolverem os conflitos interiores que normalmente vivem. Como diz Abramovich:

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias, muitas histórias [...]. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo (ABRAMOVICH, 1993, p. 16).

⁵ Ser capaz de ouvir traz o potencial de ser capaz de dizer...trecho do Artigo Entrando na roda: as histórias na Educação Infantil, p.37, 2012.

Nesse sentido, com os elementos extraídos de múltiplas histórias, misturadas a fantasia e suas experiências, fazem com que o pequeno receptor reformule ideias e aumente seus horizontes, e quando incentivado possa inventar e construir outras histórias, desenvolvendo uma habilidade importantíssima de criação cultural.

Esse entendimento também exige atenção ao fato de que as crianças vivem em contextos socioculturais distintos e possuem diferentes necessidades cognitivas, estéticas, expressivas e emocionais, que precisam ser compreendidas e atendidas, para ampliar suas possibilidades de existência humana no mundo.

Como destaca Moraes (1996), não se pode ter desejo por algo que se desconhece. Assim, para que despertemos a vontade de aprender a ler, é necessário que a criança, primeiro, entenda o que significa ler! Para isso não basta oportunizar seu contato direto com os livros. É fundamental que o educador se coloque como mediador nessa inserção no universo simbólico.

Nesse contexto, entender a estrutura das histórias, seus elementos e abordagens torna-se tão importante, para que possamos desenvolver essa habilidade como educadores, humanizando o relacionamento com os pequenos.

Cullinam, 2001, p. 14, afirma que as crianças precisam de histórias porque as utilizam para construir os sentidos de suas próprias vidas. Quem convive com crianças sabe o quanto elas gostam de escutar a mesma história várias vezes, pelo prazer de reconhecê-la, de aprendê-la em seus detalhes, de cobrar a mesma sequência e de antecipar as emoções que teve da primeira vez.

E enquanto ouvem as histórias e frui sua sonoridade, as crianças estão indiretamente desenvolvendo seu conhecimento linguístico. Além disso, o primeiro contato com as obras literárias não exige o domínio do código escrito, pois a criança pode interagir com a história e interpretá-la mesmo através das suas ilustrações, basta despertar sua curiosidade, com textos que despertem o seu interesse em ouvir.

No desenrolar dessa teia que se desenvolveu até aqui, analisar como acontece o processo de formação leitora na Educação Infantil bem como salientar a importância da leitura para a formação cidadã, nos leva ao desfecho do real potencial que as histórias possuem para o desenvolvimento integral da criança.

2.3 O despertar do leitor proficiente

Atualmente, convive-se em uma sociedade letrada onde, cada vez mais, nos deparamos com diferentes situações nas quais necessitamos usar a competência de leitor, no qual as habilidades de leitura necessárias para crescimento individual, sucesso educacional, participação econômica e cidadania de 20 anos atrás, são diferentes das habilidades necessárias hoje. E, provavelmente serão diferentes daqui a 20 anos.

Dessa forma, Soares (2018), afirma que não basta a pessoa dominar a “tecnologia de ler e escrever”, mas que se espera que ela seja um leitor atento, eficaz, curioso, capaz de interpretar e de transformar através da leitura e da escrita. De maneira muito mais ampla do que ocorre com textos impressos, hoje, os leitores precisam construir seus próprios caminhos para concluir uma atividade de leitura associada a um texto dinâmico.

E esse novo caminhar vai exigir uma nova formação de leitor: o leitor proficiente, ou seja, aquele que tenha potencial para ponderar sobre fatores como a veracidade dos argumentos no texto, o ponto de vista do autor, bem como a relevância de um texto para os objetivos do leitor.

Ainda em Soares (2018), “a alfabetização, como processo de aquisição do sistema convencional de uma escrita alfabética e ortográfica, foi de certa forma obscurecida pelo letramento”, uma vez que este acabou por frequentemente prevalecer sobre aquela, fazendo com que ela perdesse a sua especificidade.

Sendo assim, é evidente que uma etapa importante e necessária na aprendizagem é a do letramento. Nesse sentido Soares afirma que:

A criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhes são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, é analfabeta, pois ainda não aprendeu a ler, mas já entrou no mundo do letramento, e já é de certa forma letrada (SOARES, 2006, p.24).

Do mesmo modo, como já mencionado no decorrer desta pesquisa, a internet permeia paulatinamente a vida de todos os cidadãos, onde o letramento em Leitura deve refletir a ampla gama de habilidades mais novas associadas às tarefas de letramento requeridas no século XXI. Tecnologias em evolução mudaram rapidamente as formas pelas quais as pessoas leem e trocam informações.

Diante desse fato, os leitores na era digital também precisam ter novas habilidades. Eles precisam ser minimamente letrados em TIC para entender e operar os dispositivos e aplicativos.

Também a automação de tarefas cotidianas cria uma demanda por pessoas que podem se adaptar a contextos em constante mudança e que possam encontrar e aprender de muitas fontes de informação.

A partir disso, compreendemos o que Paulo Freire (2005, p.11), elucida com o seu posicionamento, ao afirmar que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, daí a importância da formação do leitor; de oferecer a ele textos que podem ser desvelados, interpretados, associados à sua realidade.

O educador Paulo Freire defendia uma ação educativa que não negasse sua cultura, mas que fosse transformada por meio do diálogo. Ele nos ajuda a pensar o ser humano e, evidentemente, as crianças, como seres históricos e produtores de cultura, “(...) seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem. De saber melhor o que já sabem, de saber o que ainda não sabem” (FREIRE, 2000, p.40). Ou seja, o ato de ler passa a ser, antes de tudo, compreender o que se lê, por isso não basta decodificar sinais e signos. Assim, o indivíduo pode ser considerado leitor a partir do momento que passa a compreender o que lê.

E nessa ótica, entende-se que um leitor proficiente é o “desabrochar” de um leitor comprometido com sua leitura, capaz de produzir novos pontos de vista ao interpretar o que lê, enfim, capaz de se posicionar criticamente sobre o texto e os fatos nele contidos.

As palavras de Freire nos remetem ao já mencionado pelo PISA no início deste trabalho, definindo a fluência de leitura como a facilidade e a eficiência com que se pode ler e entender um trecho de um texto. Isto é, inclui a habilidade de ler palavras e textos com precisão e automaticamente em seguida, analisá-los, fraseá-los e processá-los para compreender o significado geral do texto (p.ex., Kuhn & Stahl, 2003).

Freire nos ensina também, que a ampliação da capacidade de comunicação das crianças envolve tanto a participação nas conversas cotidianas, em situações de escuta e cantos de músicas, em brincadeiras e etc., como na participação em situações mais formais de uso da linguagem, como aquelas que envolvem a leitura de textos diversos.

Porém, pesquisas revelam que, por causa da formação ineficiente no aprendizado inicial da leitura, temos milhares de leitores que apenas sabem decodificar qualquer tipo de texto, não conseguindo atribuir sentidos a eles, ou seja, são alfabetizados, mas não são letrados.

Neste contexto, é inevitável ignorarmos a postura do educador, que frente a essa situação, necessita urgentemente entender e utilizar práticas pedagógicas inovadoras, que interfira positivamente na vida dos indivíduos. Considerando que a escola, seja ela pública, ou não, também compartilha da necessidade de evoluir, a fim de preparar melhor seus alunos para um novo letramento

em leitura, contribuindo assim, para a formação de cidadãos integrados ao desenvolvimento da sociedade na qual se encontram imersos. Nesse ponto de vista, vale ressaltar que:

A nova configuração da nossa sociedade, profundamente transformada pela instantaneidade, rapidez e poder de alcance das comunicações, pela disponibilização crescente de um imenso volume de informações e pela facilidade de acesso ao conhecimento ocasionou um profundo questionamento das propostas educacionais vigentes e principalmente do perfil do professor dessa nova era (MULLER et al., 2014, p. 12).

Partindo dessa realidade, o professor hoje não pode ser alheio a tais avanços. A utilização das estratégias de leitura permite compreender e interpretar de forma autônoma os textos lidos e pretende despertar, o professor, para a importância em desenvolver um trabalho efetivo no sentido da formação do leitor independente, crítico e reflexivo.

Similarmente à Freire, Zilberman (1985, p.25), enfatiza que a leitura deve ser apresentada de forma interessante e visando à formação crítico-reflexiva, que é extremamente relevante no domínio cognitivo das crianças, “[...] é a partir daí que se pode falar do leitor crítico”, ou seja, faz parte de nossa luta, como educadores, a criação de uma rede de educação que estimule ao aluno o gosto/prazer em ler e conhecer os livros, estimulando também a autonomia literária e artística.

Também pelas recomendações dos PCN (1998), no aprendizado inicial da leitura, a primeira abordagem a ser excluída é aquela que vê a leitura simplesmente como decodificação de códigos.

Assim sendo, uma pessoa letrada em leitura não tem apenas as habilidades e conhecimentos para ler bem, mas também precisa valorizar e usar a Leitura para diversas finalidades. Formar leitores, no contexto atual, exige automaticamente formar cidadãos plenos e capazes da ação; da vida cheia de plenitude; aguçando a inteligência, visualizando novos horizontes que passem do campo pessoal ao profissional.

Outro ponto também extremamente imprescindível, e já citado anteriormente, é a escolha do texto. Segundo os Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil (BRASIL, 1998, p.140), uma prática constante de leitura deve considerar a qualidade literária dos textos. A oferta de textos supostamente mais fáceis e curtos, para crianças pequenas, pode resultar em um empobrecimento de possibilidades de acesso à boa literatura. E com a nova concepção de leitura, avaliar e refletir sempre fará parte do letramento em Leitura. No entanto, sua importância cresceu na era da Leitura digital, à medida que os leitores agora são confrontados com quantidades cada vez maiores de informações e devem ser capazes de distinguir entre o que é confiável e o que não é.

Assim, de acordo com Solé (1998), as estratégias de leitura são os mecanismos para o desenvolvimento do sujeito enquanto leitor proficiente, crítico, reflexivo. O uso dessas “táticas” possibilita compreender e interpretar de forma independente os textos.

Diante desse entendimento, partir para a escolha de textos que estimulem o pensar na criança, já na primeira infância, certamente contribuirá para o desenvolvimento integral do aluno, estimulando-o a formar suas ideias e colocações, aprendendo a se posicionar de forma crítica e dialógica a respeito da história narrada. A forma como a literatura é apresentada à criança, fará toda a diferença para o despertar do leitor proficiente.

Portanto, é importante que a escola dinamize e explore a literatura infantil, onde querer construir uma sociedade de leitores vai além do sentimento do desejo, vai à atitude. Essa atitude deve ser planejada nas ações das atividades pedagógicas da escola, juntamente com todo o corpo docente, com tarefas que exijam planejamentos mais elaborados e intencionalidade.

A forma que cada profissional da educação se engajar validará o sucesso dos objetivos propostos na formação de leitores. Com isso, Abramovich (2004) nos faz refletir quando cita:

Como falar mais de encantamento da história, das emoções sentidas e vividas pelos personagens, das sofrências e alegrias, dos sufocos e deslumbrâncias, se eu deixei passar batido tudo isso em mim?? Como fazer a criança ou o jovem lerem se eu leio tão pouco?... (ABRAMOVICH, 2004 p. 61).

Enfim, cabe agora aos profissionais envolvidos com a educação, entender a importância da literatura para que ocorra o hábito do ato de ler, despertando na sempre criança, a imaginação e consequentemente criar nela a curiosidade de buscar e querer ler, passando então, a ser um leitor competente. E para materializar a formação de leitores existe a necessidade da motivação, tendo como uma das bases o constante ouvir histórias literárias.

Assim, constata-se que o ato de ler é um instrumento de grande valia de conscientização e libertação, indispensável à emancipação do homem, onde a leitura torna-se um instrumento de afirmação e de defesa da liberdade individual, de participação na sociedade.

E esse instrumento pode ser explorado junto aos “pequenos” leitores, envolvendo-os na magia e encantamento das histórias.

Neste contexto, encerra-se essa abordagem com uma frase de Freire que merece ser lembrada: “Nenhuma ordem opressora suportaria que os oprimidos todos passassem a dizer: Por quê?” (FREIRE, 2017, p. 106). Fica aqui esta reflexão.

Diante dos aspectos levantados neste estudo, a seguir serão apresentadas as características desta pesquisa e os resultados obtidos na mesma.

CAPITULO III

3 CAMINHOS DA PESQUISA

A princípio, para a elaboração deste trabalho, foi utilizada a metodologia de pesquisa qualitativa descritiva e bibliográfica, realizando de modo constante a análise da literatura, compreendendo os trabalhos em que o assunto era pertinente à área de estudo e pesquisa, apresentados em artigos acadêmicos; livros e periódicos. Essa etapa iniciou-se quando entrei oficialmente no curso de mestrado em educação e comecei minhas buscas pelo embasamento teórico que nortearia a dissertação.

No entanto, ao se tratar de um fenômeno complexo que envolve a potencialidade das histórias para se formar um leitor, faz sentido compreender que a relação entre objetividade e a subjetividade não pode ser compreendida como de oposição. Sendo assim, as duas realidades permitem que as relações sociais possam ser analisadas nos seus diferentes aspectos (BRUGGEMANN; PARPINELLI, 2008, p. 564).

Nesse universo, por compreender que o assunto em pauta envolve também a subjetividade do objeto analisado, estudando as suas particularidades e experiências individuais, onde as respostas costumam não ser objetivas e os resultados não são contabilizados em números exatos, considera-se relevante para esta investigação em curso, a utilização do método qualiquantitativo de caráter exploratório.

A escolha por essa natureza de investigação deu-se ao fato de ter como objeto de estudo, o significado das ações sociais de outros seres humanos, na busca de um entendimento do porquê de determinado comportamento dos alunos quando, na transição de sua passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, começam a se desinteressar pela leitura.

Isto posto, a visão realista e objetivista adquirida, também, pela pesquisa quantitativa, através do levantamento de dados estatísticos e tabulações, pode nos dar um parâmetro no sentido de gerar indicadores que ajudem a discutir e refletir o assunto em pauta. Citando caso análogo, temos o PISA, programa coordenado internacionalmente pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e no Brasil pelo INEP (Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), que a cada três anos nos apresentam um novo enfoque com informações sobre o desempenho dos estudantes, sendo a leitura um dos três domínios avaliados. Portanto, será utilizado

nesta investigação o método misto, por se considerar interessante e válida a existência de um diálogo harmonioso entre as abordagens determinadas pelas duas técnicas.

Seguindo essa mesma linha, Minayo e Sanches (1993, p. 247), também deixa claro em seu estudo, que é na complementaridade de ambas as pesquisas que se obterá um bom resultado. Assim, o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente, e vice-versa.

Desse modo, reforça-se que é possível se ter um melhor entendimento do fenômeno estudado, unindo diferentes perspectivas de análise e não se constituindo uma única opção. Acredita-se também, que dessa forma a pesquisa de métodos mistos acabará se encontrando no meio desse “caminhar” porque incorporarão elementos de ambas as abordagens qualitativas e quantitativas, possibilitando dois olhares diferentes e propiciando assim, uma visualização ampla do assunto investigado.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

À vista do acima citado, este trabalho também contou com a participação voluntária de um grupo de professores que trabalham com a Educação Infantil, segmento da pré-escola, no Município da Estância Balneária de Praia Grande, litoral sul do Estado de São Paulo, sendo utilizado um questionário para análise da prática pedagógica frente ao tema investigado.

Ouvir os professores tornou-se assim, parte do processo deste estudo, como forma de avaliar o uso das histórias, em sala de aula, para a formação de leitores sendo esclarecido na etapa referente ao processo metodológico.

Do ponto de vista metodológico, propõem-se desenvolver uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, apresentando-se como a mais adequada, por permitir que o pesquisador fique estritamente perto do que é pesquisado, tendo mais contato com as informações, para posteriormente relacioná-las e analisa-las.

Nesse sentido, John W. Creswell⁶ contribuiu demais para direcionar a trilha do vasto caminho que ainda seria percorrido na elaboração de uma pesquisa de qualidade, da dissertação deste curso de Mestrado. Com sua vasta experiência, Creswell expõe ideias de como melhor estruturar a investigação qualitativa e visualizar como a estrutura se altera e muda diferentes abordagens da pesquisa. Conhecer seu ponto de vista, bem como de outros pesquisadores, nos faz refletir o valor real de uma investigação com base em dados, mas fundamentados em teorias.

⁶ Leitura do livro *“Investigação qualitativa e projeto de pesquisa”*, 3ª ed., 2014.

Nessa mesma via de compreensão, as palavras de Silva e Menezes (2005, p.20) a respeito da pesquisa de abordagem qualitativa, vêm elucidar ainda mais esta escolha, quando citam:

[...] considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

Entretanto, este trabalho também tem por finalidade envolver o uso de instrumentos e técnicas padronizadas de coleta de dados por meio de questionário e observação sistemática, configurando-se, assim um estudo qualiquantitativo (SILVA; MENEZES, 2005).

Por conta disso, propõe-se quantificar os dados coletados e apresentá-los através de representação gráfica mediante o instrumento de coleta constituído de questões abertas e fechadas. Sendo assim, este pretende “[...] traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las” (SILVA; MENEZES, 2005, p. 05).

Nessa perspectiva, o presente estudo é de natureza descritiva, visto que este tipo de pesquisa tem por finalidade levantar dados sobre as opiniões, crenças e comportamentos de uma população, podendo se aproximar mais das pesquisas exploratórias à medida que servem para proporcionar uma nova visão do problema (GIL, 2008).

3.1.1 Contexto da pesquisa

O fundamento adotado para a seleção desse campo empírico foi embasado na amostragem intencional, uma vez que se pretendeu pesquisar uma Unidade Escolar de Educação Infantil na qual é ofertada a fase da pré-escola, nos segmentos infantil I e II, atendendo crianças pequenas de quatro anos a cinco anos e onze meses.

Nesse contexto, no que concerne ao campo de pesquisa, Minayo (1994) o entende como recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto de investigação.

A escola se localiza na Rua Manoel Gonzalez Corújo, 257, bairro Jardim Melvi, na cidade de Praia Grande, SP, Brasil. Possui 17 salas de aula destinadas à pré-escola, no período da manhã e tarde, sendo 09 para atender o segmento Infantil I, e 08 para o Infantil II.

Vale ressaltar que nessa Unidade Escolar, há uma grande preocupação em desenvolver projetos voltados ao incentivo à leitura, sendo criados ambientes estimuladores dentro das salas de aula, dando oportunidades às crianças de estar sempre em contato com os livros.

3.1.2 Sujeitos da Pesquisa: ouvindo os professores

A investigação teve como partícipes professores efetivos, graduados, que atuam com Educação Infantil, fase da pré-escola, na E.M. Maria dos Remédios Carmona Milan, localizada na cidade de Praia Grande, SP, Brasil. Para esclarecer essa opção, buscou-se verificar a epistemologia da prática presente dos professores dessa modalidade de ensino, frente ao objeto de pesquisa deste estudo.

Ouvir os professores tornou-se assim, parte do processo deste trabalho para análise das práticas pedagógicas que estão sendo utilizadas dentro da sala de aula referente à formação de leitores, onde o uso do questionário transformou-se em uma ferramenta imprescindível, para análise de suas colocações e posicionamentos a respeito da influência das histórias na formação de leitores.

Com o intuito de formar o grupo de partícipes, foram determinados, previamente, quatro critérios, conforme exige a natureza do estudo: ser docente efetivo da rede municipal de ensino; possuir graduação em Pedagogia; estar no pleno exercício da docência, há pelo menos um ano, na Modalidade da Educação Infantil; e aderir voluntariamente à pesquisa.

Considera-se pertinente esclarecer que a amostra populacional foi constituída por 17 professores. Porém, 03 não responderam o questionário e 01 estava ausente.

Entretanto, todos demonstraram um grande interesse em colaborar com esta pesquisa, prontificando-se a responder com transparência, sempre vinculado as suas atuações em sala de aula, quando aplicam estratégias diferenciadas para incentivar o gosto pela leitura nas crianças.

3.2 ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA: O USO DO QUESTIONÁRIO

A princípio, acreditava-se que não seria necessário utilizar esse processo de pesquisa científica com o uso de questionário.

Porém, ao ler Severino (2007 p.125), fez-se entender que, o seu uso seria importante, no intuito de descobrir qual o posicionamento dos professores frente ao objeto de pesquisa desta dissertação. O autor destaca que o questionário é um instrumento que possui um conjunto de questões

sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo.

Além disso, essa etapa “[...] pressupõe a organização criteriosa da técnica e a confecção de instrumentos adequados de registro e leitura dos dados colhidos no campo” (CHIZZOTTI, 2006, p. 51).

Outro fator de extrema consideração para o uso do questionário foi de encontro à linha de pesquisa Teoria e Prática na Formação de Professores, escolhida para este trabalho, tendo como foco a teoria e prática em diferentes contextos educativos, níveis e modalidades da escolarização contemporânea, buscando investigar as ações pedagógicas. Com isso, vislumbram-se pesquisas em diferentes contextos presenciais, com objetivo de estabelecer práticas pedagógicas e metodológicas inovadoras, direcionando assim, o olhar para as relações da diversidade de aprendizagem, e dificuldades, dos sujeitos aprendentes.

Essa integração de fatores acabou fortalecendo o trabalho da pesquisa, onde os caminhos começaram a se encontrar, permitindo uma melhor compreensão das minhas próprias observações, como professora contadora de histórias, e das análises dos questionários, aprofundando o meu olhar na investigação do potencial das histórias na Educação Infantil.

Assim, após caminhar com a pesquisa bibliográfica, foi feito uso do questionário semiestruturado, que foi aplicado por meio do contato direto, pois “[...] dessa maneira, há menos possibilidades de os entrevistados, não responderem ao questionário ou deixarem algumas perguntas em branco” (RICHARDSON, 2008, p. 196). Por meio desse instrumento pretendeu-se também, obter informações que permitiram caracterizar o perfil dos professores sujeitos desta pesquisa, contemplando aspectos relacionados a dados pessoais, escolares e profissionais.

No questionário constam dez questões abertas e fechadas que versavam sobre: a formação inicial e continuada dos docentes no âmbito do segmento da pré-escola, na Educação Infantil, a experiência quanto ao desenvolvimento de práticas pedagógicas, utilizando as histórias e a concepção em torno dos relatos dos docentes a respeito do uso dessa ferramenta, para a formação do hábito da leitura.

A coleta de dados iniciou-se com a identificação dos participantes somente com relação à idade e sexo, onde foi assegurado ao pesquisado o direito de recusar-se a responder às perguntas que pudessem ocasionar constrangimento de alguma natureza sendo, portanto, mantido o seu anonimato.

Em seguida abordou-se a respeito de sua formação quanto ao tempo de atuação; sua continuidade dos estudos e seus apontamentos a respeito do objeto desta pesquisa.

Vale ressaltar que antes da realização do uso do questionário com os professores, solicitou-se que eles assinassem um termo de consentimento e de adesão voluntária à pesquisa, na qual estava expresso o propósito da mesma, bem como suas garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanente.

De natureza colaborativa, buscou-se, aplicar de maneira que o pesquisado se sentisse livre nos seus apontamentos, podendo dessa forma ser o mais fidedigno possível. Além disso, como a participação é livre e consentida, estes poderiam retirar o consentimento e a adesão a qualquer momento, caso viessem a não concordar com a sequência dos acontecimentos.

3.2.1 Procedimentos Analíticos

Tendo em vista, o conjunto de informações relevantes à compreensão do objeto desta pesquisa, obtidos pelo estudo bibliográfico e pelos dados a serem produzidos pelo questionário misto, foi realizado o uso da análise qualitativa de parte desses dados.

Sendo assim, por entender que a análise do conteúdo é definida por Bardin (2006, p.35) como “[...] um conjunto de técnicas de análises das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”, considerou-se extremamente valoroso, realizar este estudo, com enfoque na análise de conteúdo desta grande escritora, como uma dentre as várias maneiras de se interpretar um texto.

Segundo a autora, a análise do conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás do significado das palavras. Por conta disso, seguindo as orientações de Bardin, acerca da sequência metodológica para a organização da análise do conteúdo, elaborou-se o plano de análise da seguinte forma: 1) Pré-análise (organização do conteúdo), 2) Exploração do material (codificação) e 3) Tratamento dos resultados obtidos.

Após se percorrer as três etapas, foram estabelecidos eixos de análises, bem como seus respectivos indicadores de investigação acerca do potencial das histórias, na Educação Infantil, para a formação de leitores, explicitando suas implicações no processo de ensino e aprendizagem para a formação de leitores, objeto de estudo desta pesquisa.

CAPITULO IV

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O estudo apresentado, que teve como tema central a potencialidade das histórias na Educação Infantil e a formação de leitores proficientes e que contou como objetivo principal analisar o potencial de envolvimento que as histórias exercem sobre as crianças da pré-escola, para o desenvolvimento do hábito da leitura, trouxe como proposta a investigação sobre: as contribuições do uso dessa ferramenta pedagógica no processo de ensino aprendizagem para a formação de leitores, a instrumentalização da prática docente com o uso desse recurso, as concepções de professores em exercício, sobre o uso desse instrumento nas escolas, bem como conhecer o posicionamento de grandes educadores e escritores que muito tem contribuído acerca do fascínio existente nas histórias.

Considerou-se pertinente esclarecer que, antes de iniciar a apresentação dos resultados e sua posterior discussão, os participantes foram identificados por letras do alfabeto, no intuito de preservar sua identidade, como por exemplo: Professor A, Professor B, Professor C e assim sucessivamente.

4.1 Procedimento de Análise

Na intenção de traçar um direcionamento lógico para a pesquisa, pretendeu-se, inicialmente descrever o perfil profissional dos participantes a fim de identificar possíveis influências sobre outros aspectos considerados relevantes neste estudo.

Sendo assim, e considerando que para ministrar aulas nas escolas públicas municipais da cidade de Praia Grande - SP, Brasil, é exigido ter formação em Pedagogia, já no primeiro grupo de perguntas as questões foram relacionadas à verificação de como os docentes estariam investindo em sua carreira, após ingressar no ensino público.

Nesse sentido, foram abordados dois questionamentos considerados importantes para esta pesquisa que se tratavam do seu tempo de atuação junto à Educação Infantil, na fase da pré-escola, e a continuidade de formação dos profissionais entrevistados. Naturalmente, tais aspectos contribuem de forma significativa para o desenvolvimento de uma prática pedagógica responsável e comprometida com a evolução do processo de ensino aprendizagem, em que as experiências profissionais dos docentes só têm a acrescentar nesse processo.

Assim, ao questionar sobre o tempo de docência dos profissionais investigados, foi possível obter os seguintes resultados, apresentados no gráfico abaixo:

Gráfico 5 - Tempo de docência dos Professores investigados na Educação Infantil

Fonte: Dados da pesquisa

Diante dos resultados obtidos foi possível observar que a maioria dos professores entrevistados possui acima de dez anos de docência. Nesse ponto de vista, é necessário destacar, que supostamente, o tempo de docência possa influenciar na qualidade de ensino, uma vez que, a experiência adquirida ao longo do tempo pode proporcionar uma prática pedagógica mais responsável e comprometida com o ensino.

Embora, podemos também pensar que esse tempo mais prolongado de docência não seja tão favorável assim, levando ao abandono dessas convicções, devido ao cansaço e stress da profissão.

Apesar disso, é necessário que não deixemos de ressaltar o importante papel exercido pelo professor, onde este é considerado:

[...] o principal agente de promoção e mediação do processo de ensino-aprendizagem, devendo diagnosticar, intervir, acompanhar e encaminhar as ações necessárias ao aprendizado, o que requer preparo profissional e formação adequada, além de estar consciente de sua função sociopolítica (SÁ; HENRIQUE; SILVA, 2017, p. 02).

Por esse ângulo, ao serem abordados sobre a continuidade de formação e investimento na sua carreira, com estudos realizados posteriores à graduação em Pedagogia, obtiveram-se os seguintes dados apresentados pelos respondentes desta pesquisa, podendo ser visualizados no gráfico a seguir:

Gráfico 6 - Cursos Realizados pelos Professores investigados, posteriores à Graduação em Pedagogia

Fonte: Dados da pesquisa

Observa-se que, os dados apresentados no gráfico acima demonstraram que mais de 50% dos professores entrevistados investiu em suas carreiras por meio de cursos de extensão e especialização, o que demonstra um interesse significativo na busca de novos conhecimentos. Porém, também se torna evidente a ausência de formação nos cursos de Mestrado e Doutorado, levando a uma limitação acadêmica, de aprofundamento, na área que estão atuando, sendo importante ressaltar que ao se “[...] pensar em qualidade na educação e nos resultados de aprendizagem por parte dos alunos, passa necessariamente pela preocupação referente ao perfil dos professores e seus currículos de formação”(ZUKOWSKY – TAVARES; FERNANDES; LUZ, 2017, p.696).

Quanto à fase da pré-escola que os partícipes estão atuando, na Educação Infantil, ficou registrado que, sete dos entrevistados lecionam no Infantil I e oito no Infantil II, sendo que dois atuam com os dois segmentos, por conta de trabalharem em dois turnos da Unidade Escolar, conforme mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 7 - Fase da Educação Infantil em que os Professores entrevistados lecionam

Fonte: Dados da pesquisa

Considerando o foco desta pesquisa que se refere ao potencial de influência que as histórias podem exercer na formação de leitores na Educação Infantil, ao serem questionados se a escola, onde ministram aulas, possuem projetos de leitura, 69% dos investigados afirmaram que sim, 16% disseram que não havia e 15% não soube informar. Tais resultados podem ser visualizados no gráfico a seguir:

Gráfico 8 - Respostas dos Professores entrevistados se há Projetos de Leitura na escola onde atuam

Fonte: Dados da pesquisa

Convém ressaltar que, embora os partícipes sejam lotados na mesma Unidade Escolar, ainda 30% dos professores demonstra desconhecer os projetos de leitura desenvolvidos na escola, o que resulta em uma possível desinformação por parte de alguns docentes quanto à importância em se apropriar dos projetos existentes.

Nesse sentido, podemos inferir que:

A nova configuração da nossa sociedade, profundamente transformada pela instantaneidade, rapidez e poder de alcance das comunicações, pela disponibilização crescente de um imenso volume de informações e pela facilidade de acesso ao conhecimento ocasionou um profundo questionamento das propostas educacionais vigentes e principalmente do perfil do professor dessa nova era (MULLER et al., 2014, p. 12).

O docente que conhece as dificuldades e desafios de sua profissão deve cumprir sua função social de inserir a criança no mundo da leitura. E para que isso ocorra, precisa se apropriar dos instrumentos que o ajudem a cumprir essa missão.

Quanto ao questionamento se consideram que as histórias influenciam na formação da criança, os dados coletados demonstraram que todos os participantes creem no poder das histórias como prática pedagógica para a formação de leitores, pois 100% responderam que sim, o que demonstra, de certa forma, um aspecto positivo.

Sendo assim, é notório que os professores têm a consciência sobre a grande contribuição que as histórias exercem para o desenvolvimento de uma aula mais interessante, resultando numa ação pedagógica motivadora. Diante disso, os resultados obtidos podem ser vistos no gráfico a seguir:

Gráfico 9 - Respostas dos professores se consideram que as histórias influenciam na formação da criança na Educação Infantil

Fonte: Dados da pesquisa

Isto posto, ao analisar o resultado dos dados mencionados acima, percebe-se a inegável necessidade de mudanças nos rumos da educação, considerando como primordial a prática de leitura, com o uso das histórias, um caminho possível e eficaz para a melhoria da qualidade do processo educativo, principalmente no âmbito da Educação Infantil, tendo como foco principal a formação de leitores críticos e atuantes.

Nesse sentido Abramovich reforça:

[...] “ouvir histórias é muito importante na formação de qualquer criança, é o início da aprendizagem para ser um leitor e, tornar-se um leitor é começar a compreender e interpretar o mundo. Por isso precisamos ler histórias para as crianças, sempre, sempre, sempre...” (ABRAMOVICH, 1993, p.17).

Entretanto, apesar de reconhecerem a importância e a contribuição significativa do uso desse instrumento pedagógico para o processo de ensino aprendizagem, ainda há muitas inquietações em relação à formação do aluno leitor proficiente.

Principalmente no tocante as novas formas de Leitura que surgiram nas últimas décadas e continuam surgindo devido à disseminação de dispositivos e textos digitais, ficando claro que, não adianta os alunos decodificarem palavras, soletrar sílabas, aprender os fonemas, se os mesmos não são capazes de compreender o que o texto tem a proferir.

Observa-se a comprovação desse fato no gráfico abaixo, ao questionarmos a respeito de como utilizam as histórias em sala de aula, onde oito dos partícipes responderam que usam de forma variada e sete utilizam diariamente. Porém em nenhum caso foi citado o uso de tecnologias digitais, como pode ser visualizado no gráfico.

Gráfico 10 - Como os Professores entrevistados utilizam as histórias em sala de aula com seus alunos

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme Almeida 2010 é preciso que o educador possa apropriar-se também da cultura digital e das propriedades intrínsecas das TDIC para a formação do leitor, utilizando-as na própria aprendizagem e na prática pedagógica, refletindo sobre por que e para que usar a tecnologia, como se dá esse uso e que contribuições ela pode trazer à aprendizagem e ao desenvolvimento do currículo.

Essas transformações decorrentes do avanço tecnológico e sua inserção no contexto educacional provocam diversas inquietações nos agentes responsáveis pelo processo educativo, pois representam desafios e temor à escola que ainda está enraizada nas práticas tradicionais, uma vez que os novos discursos tendem a se chocar com os velhos e habituais discursos ainda presentes na escola.

Considerou-se pertinente esclarecer que para as questões seis, sete, oito e nove optou-se em utilizar perguntas abertas justamente para que os partícipes se sentissem à vontade para relatar o seu ponto de vista em relação ao objeto de estudo evitando assim, induzi-los a se enquadrar apenas respostas com perguntas fechadas. Assim, após uma interpretação prévia e para filtrar os dados coletados, empregou-se a análise de conteúdo conforme orientação de Bardin (2006).

Partindo do princípio da observação criteriosa dos dados e da tentativa de olhá-los não apenas pelas palavras escritas, mas também por aquilo que elas inferem, procurou-se estudar as respostas dos questionários e elaborar quadros de análise⁷. A partir das categorias elencadas, organizaram-se os gráficos, lançando um novo olhar para o questionário e para a análise do conteúdo.

Os partícipes da pesquisa também foram questionados a respeito do que poderia estar causando a falta de interesse dos alunos pela Leitura, quando entram para o Ensino Fundamental. A maioria citou a ausência de incentivo e trabalho por parte dos professores, seguido de falta de estímulo da família e uso excessivo da internet sendo que apenas uma minoria relacionou aos livros, como pode ser visualizado no gráfico a seguir:

⁷ Os quadros de análise encontram-se nos apêndices B, C, D e F

Gráfico 11 - Principal causa da falta de interesse dos alunos na Leitura apontada pelos Professores entrevistados

Fonte: Dados da pesquisa

Ao analisar⁸ os resultados acima, podemos perceber que a problemática quanto à formação de leitores prevalece um grande obstáculo para a educação, representando uma realidade latente e comum na grande maioria das escolas da rede pública.

Faz-se necessário entender que uma política de formação de leitores deve ser realizada para além de ações externas, mas fundamentalmente dentro dos espaços escolares, inserindo como meta principal no planejamento escolar, o hábito da leitura. Também se torna essencial trabalhar com estratégias de leitura já na primeira infância, com uma prática pedagógica com intencionalidade e continuidade.

Fanny Abramovich (1993, p. 17) nos fala o tempo todo da leitura-prazer, da leitura que nos acompanha pelo resto da vida, da leitura fonte inesgotável de experiências insubstituíveis. Portanto, o professor precisa dominar além dos níveis de aquisição da linguagem, as estratégias de leitura, criando oportunidades para que a criança leia livros de seu interesse, pois a leitura espontânea, pessoal e selecionada pela criança é vital para a formação do hábito.

⁸ As respostas completas dos professores deste e dos gráficos 7, 8 e 9 apresentados nesse capítulo estão nos apêndices B, C, D e F

Frente a esse contexto, reafirma-se que formar leitores é um dos compromissos essenciais da educação para a cidadania, visto que o nosso país está hoje, pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), entre os 12 piores países na leitura, já mencionado no decorrer deste trabalho. E para reverter essa situação, é imprescindível que a população se torne leitora com competência para compreender e mudar essa realidade.

Com base nesses apontamentos analíticos do PISA, entende-se que hoje o letramento em Leitura é extremamente importante para uma participação ativa na comunidade, na economia e na vida pessoal. Os benefícios da leitura são cientificamente comprovados, pesquisas indicam que as crianças que têm o hábito da leitura incentivado, já na primeira infância, desenvolvem melhor seu senso crítico e possuem rendimento escolar alto.

O hábito da leitura, o saber ler e a compreensão do que se lê é indispensável para a vida social e cultural do indivíduo, onde ter acesso à boa literatura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura. Resgata-se, portanto, o papel da escola como ambiente motivador em potencial para se formar leitores.

Quanto ao questionamento sobre como procuram desenvolver e manter o hábito da Leitura nos alunos, mais uma vez a maioria relatou que apresenta histórias de forma variadas, seguido também de práticas diárias, como mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 12 - Respostas dos entrevistados de como desenvolver e manter o hábito da Leitura nos alunos

Fonte: Dados da pesquisa

Analisando os dados obtidos até o presente momento, foi possível observar que há um esforço por parte dos participantes em querer desenvolver o hábito de leitura nos alunos, utilizando as histórias de formas diversificadas, sendo que talvez essa realidade se deva ao fato de que a maioria conhece e trabalha com projetos de Leitura.

No entanto, LAJOLLO (2005, p. 07), reforça que também se aprende a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida, ficando para os professores a sensibilidade em perceber o quanto seu aluno já sabe ler.

A atividade docente fica então caracterizada pelo desafio permanente dos profissionais da educação em estabelecer relações interpessoais com os educandos, de modo que o processo de ensino aprendizagem seja articulado e que os métodos utilizados cumpram os objetivos a que se propõem, isto é, cultivar nos alunos a motivação para ler, incluindo o interesse e o prazer na leitura, à percepção de controle sobre o que é lido, o envolvimento na dimensão social da leitura e as diversas e frequentes práticas de leitura.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, os partícipes da pesquisa também foram questionados a respeito de quais as ações pedagógicas, utilizam em sala de aula, após a leitura de uma história e os dados obtidos revelaram que: 61% usam o reconto, dramatizações, desenhos e brincadeiras; 31% disseram que empregam rodas de conversa com aberturas para comentários e apenas 8% manifestaram que não fazem nada no sentido. Assim, podemos visualizar no gráfico abaixo os resultados:

Gráfico 13 - Ações pedagógicas utilizadas em sala de aula pelos professores entrevistados após a leitura de uma história

Fonte: Dados da pesquisa

Fanny Abramovich (1993, p. 17) nos fala o tempo todo da leitura-prazer, da leitura que nos acompanha pelo resto da vida, da leitura fonte inesgotável de experiências insubstituíveis. Portanto, torna-se necessário que o professor domine além dos níveis de aquisição da linguagem, as estratégias de leitura, criando oportunidades para que a criança leia livros de seu interesse, pois a leitura espontânea, pessoal e selecionada pela criança é de fundamental importância para a formação do hábito.

Corroborando com o acima exposto observa-se que a maioria dos docentes (92%) disse utilizar uma variedade significativa de ações pedagógicas após a leitura em sala de aula. Com isso, analisa-se que há um “movimento” no momento da leitura, uma aproximação entre a história e o aluno.

É necessário compreender que essas ações com base na aprendizagem ativa, onde o estudante deixa de ser coadjuvante e passa a ser protagonista das histórias, também é concludente, ou seja, o professor aplica a direção do conhecimento das histórias de forma ativa, induzindo o aluno a se interessar pelo livro para depois recontar para os demais, passando a ser agente participativo do processo.

Ao serem questionados se consideram que as histórias têm o poder de formar leitores proficientes, a maior parte dos entrevistados respondeu que sim (92%), como segue representado no gráfico abaixo:

Gráfico 14 - Respostas dos Professores entrevistados se consideram que as histórias têm o poder de formar leitores proficientes

Fonte: Dados da pesquisa

O educador Paulo Freire defendia uma ação educativa que não negasse sua cultura, mas que fosse transformada por meio do diálogo. Ele nos ajuda a pensar o ser humano e, evidentemente, as crianças, como seres históricos e produtores de cultura, “(...) seres capazes de saber, de saber que

sabem, de saber que não sabem. De saber melhor o que já sabem, de saber o que ainda não sabem” (FREIRE, 2000, p.40). Ou seja, o ato de ler passa a ser, antes de tudo, compreender o que se lê, por isso não basta decodificar sinais e signos. Assim, o indivíduo pode ser considerado leitor a partir do momento que passa a compreender o que lê.

Diante dos resultados obtidos no gráfico acima, compreendemos o que Paulo Freire (2005, p.11), elucida com o seu posicionamento, ao afirmar que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, daí a importância da formação do leitor; de oferecer a ele textos que podem ser desvelados, interpretados, associados à sua realidade.

E nessa nova denominação de letramento em Leitura, já mencionado no decorrer desta pesquisa, entende-se que um leitor proficiente é o “desabrochar” de um leitor comprometido com sua leitura, capaz de produzir novos pontos de vista ao interpretar o que lê, enfim, capaz de se posicionar criticamente sobre o texto e os fatos nele contidos.

Conclui-se, portanto, que a forma como a literatura é apresentada à criança, fará toda a diferença para o despertar do leitor proficiente, tornando-se importante que a escola dinamize e explore a literatura infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível constatar nesta pesquisa que, o saber ler e a compreensão do que se lê é indispensável para a vida social e cultural do indivíduo, onde ter acesso à boa literatura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura. Resgata-se, portanto, o papel da escola como ambiente motivador em potencial para se formar um leitor crítico, inquieto, perspicaz e capaz de perceber tudo a sua volta.

Na verdade, precisa-se entender que a leitura deve ter como função a transformação da realidade, condição indispensável ao desenvolvimento social e à realização individual do ser humano. Ela é fonte catalizadora do conhecimento e aprendizado, devendo ser estimulada desde cedo para que faça parte da formação cultural do indivíduo, tornando-se um princípio inesgotável de sabedoria e não como uma simples decodificação de símbolos gráficos.

Hoje, a leitura é vista como um conjunto crescente de conhecimentos, habilidades e estratégias que as pessoas constroem ao longo da vida em diversos contextos. Isso se deve à profusão descontrolada de informações na internet, onde os leitores precisam ter discernimento na escolha de fontes de informação e na avaliação da qualidade e credibilidade da informação.

Assim, acredita-se que a premissa primeira da leitura é a de que consiste em um processo dialógico, isto é, “uma interação produtiva entre o texto e o leitor” (JOUVE, 2002, p. 61). O que significa que precisa existir um movimento dinâmico constante que sai do leitor vai ao encontro do texto e retorna ao leitor. Por meio de esse ir e vir constante, altera quem lê, altera seu modo de ver o mundo e automaticamente altera seu modo de entender-se também.

E nesse dialogar contínuo, confirma-se que a formação educacional de uma pessoa precisa estar amplamente amparada na leitura, ou seja, na formação de leitura que ela teve na sua infância, na base, solidificando o seu aprendizado e ressignificando a sua leitura de mundo.

A partir desta realidade apresentada, busca-se mostrar que a educação na primeira infância com ênfase na leitura, ainda é o caminho necessário para o crescimento de uma nação. É preciso adotar uma visão epistêmica da criança reconhecendo que ela tem um potencial e que todo trabalho educacional visa despertar essa competência e habilidade leitora, auxiliando a ser um aprendiz sempre.

No decorrer deste estudo foi possível perceber que apesar de todos os partícipes da pesquisa relatar que creem no poder das histórias como prática pedagógica, reconhecendo a importância e a

contribuição significativa do uso desse instrumento pedagógico para o processo de ensino aprendizagem, ainda há muitas inquietações em relação à formação do aluno leitor proficiente.

Frente a essa constatação, observa-se a inegável necessidade de mudanças nos rumos da educação, considerando como primordiais ações pedagógicas intencionalizadas, que utilizem as histórias como principal instrumento de contribuição na evolução do educando, para que este tenha um potencial necessário em compreender, com competência, o que precisa ser compreendido sabendo enfrentar com discernimento os novos desafios do século XXI.

Outro ponto extremamente importante a ser citado neste desfecho refere-se à escolha do texto. Segundo os Referenciais Curriculares Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998, p.140), uma prática constante de leitura deve considerar a qualidade literária dos textos. A oferta de textos supostamente mais fáceis e curtos, para crianças pequenas, pode resultar em um empobrecimento de possibilidades de acesso à boa literatura.

Constatou-se também, que os docentes investigados relataram a ausência de continuidade diária da prática de leitura nos anos posteriores à Educação Infantil, o que poderia também estar causando a falta de interesse dos alunos pela Leitura, quando entram para o Ensino Fundamental. A maioria citou a ausência de incentivo e trabalho por parte dos professores que passam a se preocupar apenas com o conteúdo que deve ser cumprido, seguido de falta de estímulo da família e uso excessivo da internet.

Como sugestão desta pesquisa alinhada com a opinião dos docentes participantes sugere-se que a leitura de histórias se torne cada vez mais um eixo central em todas as escolas, não sendo mais vista como uma tarefa sem grande importância, que é realizada quando sobra um tempinho no final do dia de uma aula, ou ainda para que seja feita outra atividade com base nela.

Tal atitude se tomada, respeitando em primeiro lugar a figura do educador, que representará o papel de maior relevância, pois será o responsável em priorizar no planejamento escolar um momento exclusivo para se trabalhar com as histórias, pode proporcionar ganhos consideráveis para os agentes envolvidos, bem como despertará o interesse em tornar suas aulas mais atrativas, sendo o aluno o maior beneficiado.

Diante dos pressupostos teóricos apresentados neste estudo, concluiu-se que a integração de práticas pedagógicas utilizando as histórias com intencionalidade, em atividades diárias dentro do contexto escolar tem sua efetividade pautada em etapas que a precedem como: uma estratégia de sensibilização dos profissionais envolvidos; capacitação e respeito as suas dificuldades e limitações,

a fim de promover uma implantação efetiva com foco nos interesses e necessidades dos alunos, preparando-os com responsabilidade, para exercer sua cidadania.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **“Por uma arte de contar histórias”** In: Literatura infantil: gostosuras e bobices. SP: Scipione, 1997.
- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1993.
- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2001.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2008.
- BARCELLOS, Gládis Maria Ferrão; NEVES, Iara Conceição Bitencourt. **A Hora do Conto: da Fantasia ao Prazer de Ler**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1995.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar – pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental: Parâmetros Curriculares nacionais: Língua Portuguesa: primeiro e segundo ciclos / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental**. 3. Ed. – Brasília: A Secretaria, 1998.
- BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental: Parâmetros curriculares nacionais. 2. Língua Portuguesa: Ensino de primeira à quarta série**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: A Secretaria, 1997.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei no 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. Referenciais curriculares nacionais para a educação infantil**. Documento introdutório. Versão preliminar. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. Subsídios para elaboração de orientações nacionais para educação infantil**. Brasília: MEC/SEF/DPE/COEDI, 1998.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: 2017.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi Alves; ROSA, Ester Calland de Sousa (Org.). Entrando na roda: as histórias na educação infantil. In: _____. Ler e escrever na educação infantil: discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2012. p. 33-51.

BRITO, Danielle Santos. **A importância da leitura na formação social do indivíduo revela.** Periódico de Divulgação Científica da FALS. Ano IV, Nº VIII- JUN 2002. Disponível em: <http://www.fals.com.br/revela12/Artigo4_ed08.pdf>. Acesso em 13 abril 2014.

BRUGGEMANN, Odália M.; PARPINELLI, Mary A. **Utilizando as abordagens quantitativa e qualitativa na produção do conhecimento.** *Revista Escola Enfermagem USP*, n. 42, p. 563-568, mar. 2008.

CORTES, Maria Oliveira. **Literatura Infantil e Contação de Histórias.** Viçosa – MG, CPT, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática.** São Paulo: Moderna, 2000.

CULLINAN, Bernice E. Brincando de ler histórias: **como incentivar na criança, desde bebê, o prazer da leitura.** Tradução de Suzana Vidigal de Souza Netto; adaptação de Maria Beatriz SAVioldi. 1ª ed. São Paulo: Tâmis Editora, 2001.

CRAMER, E. **Incentivando o amor pela leitura.** Trad. Maria Cristina Monteiro – Porto Alegre: Artmed, 2001.

CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: **métodos qualitativos, quantitativos e mistos.** 3ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

DE ALMEIDA, Maria Elizabeth B.; DA SILVA, Maria da Graça Moreira. Currículo, tecnologia e cultura digital: espaços e tempos de web currículo. **Revista e-curriculum**, v. 7, n. 1, 2011.

DOHME, Vania D'Ângelo. **Técnicas de contar histórias.** 8.ed. São Paulo: Informal Editora, 2000.

FINK, Alessandra Tiburski. **O ensino-aprendizagem e a formação do leitor a partir da literatura infantil.** 2001. Monografia de conclusão de curso (Pedagogia) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Campus de Frederico Westphalen, 2001.

FOFONCA, E. **Comunicação e Educação:** conexões em tempos de sociabilidade e convergência digital. Curitiba, PR: CRV, 2012.

FOFONCA, E. **Entre as práticas de (multi)letramento e os processos de aprendizagem ubíqua da cultura digital:** as percepções estéticas de educadores das linguagens. 190 f. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) – Programa de Pós Graduação Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015. Disponível em:

<<http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/2093/1/Eduardo%20Fofonca.pdf>> Acesso em: 15 Set. de 2019.

DA FONSECA, Daniela Andrade Coelho; VANALLI, Marilani Soares. FORMAÇÃO LEITORA NA EDUCAÇÃO INFANTIL. *Colloquium Humanarum*, vol. 9, n. Especial, p. 1156, jul-dez, 2012.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 22.ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 8.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed., São Paulo: Atlas S.A., 2008.

GUNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-210, 2006.

GREGORIN, José Nicolau Filho. Leitura infantil: **Múltiplas Linguagens na formação dos leitores**. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

GUEDIN, E.; FRANCO, M.A do R.S. **Questões do método na construção da pesquisa em educação**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

JOUE, Vicent. **A leitura**. Tradução de: HERVOT, Brigitte. São Paulo: Unesp, 2002.

KAERCHER, Gládis Elise. E Por Falar em Literatura.... In: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis. (org) *Educação Infantil: Pra que te quero?* Porto Alegre: ARTMED, 2001.

KAERCHER, Gládis. E por falar em literatura. **Educação infantil: pra que te quero**, p. 81-88, 2009.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2005. 109p.

MINAYO, M. C. S; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.9, n.3, p. 239-262, jul. /Sep. 1993.

MINAYO, M. C. S; SANCHES, O. **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORAIS, José. **A arte de ler**. São Paulo: UNESP, 1996.

MULLER, C.C. et al. (Orgs.). **Inovações Educativas e Ensino Virtual**: equipes capacitadas: práticas compartilhadas. Livro eletrônico. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2014. (Série Prêmio de Inovações Educativas e Ensino Virtual, v. 2).

OCDE. (2011). PISA: Do students today read for pleasure? PISA in Focus, vol. 8, p. 20. Paris: OECD.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Leitura Prazer**: Interação Participativa da Criança com a Literatura Infantil na Escola. São Paulo: Paulinas, 1996.

PATRINI, Maria de Lourdes. A renovação do conto: **emergência de uma pratica oral**. São Paulo: Cortez, 2005.

SÁ, L.T.F. de; HENRIQUE, A.L.S.; SILVA, R.M. da. O perfil formativo dos professores: mapeamento preliminar no Ensino Médio Integrado do IFRN. IV COLÓQUIO NACIONAL e I COLÓQUIO INTERNACIONAL, A Produção do Conhecimento em Educação Profissional, Natal, RN, 24 a 27 de julho de 2017, Campus Natal Central, IFRN.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O Ato de Ler**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1987.

SILVA, E.L. da; MENEZES, E.M. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 4 ed. rev. e atual., Florianópolis: UFSC, 2005.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 2003.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista brasileira de educação**, n. 25, p. 5-17, 2004.

SOARES, M. **Letramento - um tema em três gêneros**. Autêntica, 2018.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Leitura do professor, leitura do aluno**: processos de formação continuada. UNESP – Presidente Prudente. Disponível em: www.unesp.br. Acesso em: 29 out. 2015

ROJO, Roxane. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: See: CenP, p. 853, 2004.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. Trad. Sérgio Milhet. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 356.

TOLKIEM, John R.R. **Sobre histórias de fadas**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 1999.

ZUKOWSKY-TAVARES, C.; FERNANDES, A.A.P.; LUZ, E.L. Perfil docente brasileiro e relatório TALIS: o caso de uma rede confessional de ensino. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.15, n.3, p. 693-712 jul./set. 2017. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum> Acesso em: 15/05/2018.

SITES CONSULTADOS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> (Links para um site externo) Links para um site externo. Acesso em: 15 jul.2018.

DOS SANTOS, Fernanda Marsaro. ANÁLISE DE CONTEÚDO: A VISÃO DE LAURENCE BARDIN. 2012.

OCDE. (2011). PISA 2009 results: Students on Line. Digital technologies and performance.<http://dx.doi.org/10.1787/9789264112995-en>.

OCDE. (2014). PISA 2012 results: What students know and can do (Volume I, Revised Edition, February 2014): Student Performance in Mathematics, Reading and Science, PISA, OECD Publishing, Paris. DOI: <http://dx.doi.org/10.1787/9789264208780-en>.

OLIVEIRA, Cláudio Henrique. QUEIROZ, Cristina Maria de. **Leitura em sala de aula: a formação de leitores proficientes**. RN, 2009. Disponível em: <<http://www.webartigos.com>>. Acesso em: 08 out. 2015.

APÊNDICES

Questionário aplicado aos Docentes

Idade: _____

Sexo: _____

e-mail: _____

1. Há quanto tempo você ministra aulas na Educação Infantil? _____

2. Fez algum tipo de estudo depois da sua graduação?

☐ Cursos de extensão

☐ Especialização

☐ Outra graduação

☐ Mestrado

☐ Doutorado

☐ Outros (Mini cursos, formação continuada, capacitações, etc.)

3. Atualmente, em qual fase da Educação Infantil, você está lecionando?

☐ Infantil I

☐ Infantil II

4. Na Unidade Escolar onde você leciona, existem Projetos de incentivo à Leitura para os alunos?

☐ Sim

☐ Não

5. Em sua opinião, as histórias influenciam na formação da criança na Educação Infantil?

☐ Sim

☐ Não

6. Como você utiliza essa ferramenta?

7. Pesquisas apontam a falta de interesse dos alunos, quando entram para o Ensino Fundamental, em relação à Leitura. Em sua opinião, qual seria a principal causa desse desinteresse?

8. Como desenvolver e manter o hábito da leitura nos alunos?

09. Quais ações pedagógicas você utiliza após a leitura de uma história para seus alunos?

10. Você considera que as histórias contadas, ou lidas, para os alunos, tem o poder de formar leitores proficientes? () Sim () Não

AGRADECIMENTO

Com meus mais sinceros cumprimentos, agradeço sua gentil e importante colaboração no preenchimento deste questionário, que com certeza trará muita contribuição para esta pesquisa, bem como para a educação de nossas crianças.

Att

Professora Denize da Encarnação Pontes

APÊNDICE A

Tabela com as respostas do questionário referente à prática

Tabela 3 - Análise das respostas questão 6: Como você utiliza essa ferramenta?

Categoria	Expressões-chave	Total
Diariamente	<ul style="list-style-type: none"> - (Profª A). Acrescento mais conhecimento e prazer às práticas diárias. - (Profª B). Eu realizo leitura diariamente. - (Profª C). Todo dia temos nossa leitura onde os alunos participam da escolha do livro. - (Profª E). Utilizo no início da aula. - (Profª I). Leio diariamente. 	5
De formas variadas: roda de leitura; livros; contação de histórias; dramatização e uso de fantoches	<ul style="list-style-type: none"> - (Profª D). De formas variadas como: roda de leitura, contação e outros. - (Profª F). Utilizo várias maneiras com fantoches, vídeos, dramatização, etc. - (Profª J). Utilizo de várias maneiras, desde o lúdico até o pedagógico. - (Profª H). Utilizo livros e fantoches para contar as histórias. Utilizo essa ferramenta para acalmar e também socializá-los, pois são alunos novos e nunca frequentaram a escola. - (Profª M). Utilizo livros, fantoches dramatização e vídeos interativos. - (Profª G). Nas minhas aulas às vezes conto histórias e eles participam fazendo os sons e movimentos. - (Profª K) Trabalho com reconto da história, dramatização, desenho e leitura livre. - (Profª L). Eles adoram. Utilizo complementos visuais ou auditivos. 	8

APÊNDICE B

Tabela com as respostas do questionário referente à prática

Tabela 4 - Análise das respostas questão 7: Pesquisas apontam a falta de interesse dos alunos, quando entram para o Ensino Fundamental, em relação à Leitura. Em sua opinião, qual seria a principal causa desse desinteresse?

Categoria	Expressões-chave	Total
Uso excessivo da Internet	<ul style="list-style-type: none"> - (Profª A). O uso excessivo da Internet. - (Profª G). A Internet. - (Profª K). Falta de incentivo à Leitura e principalmente à informatização globalizada. 	3
Ausência de incentivo e trabalho por parte dos professores	<ul style="list-style-type: none"> - (Profª B). Acredito que o professor não coloque na rotina a leitura. Precisa sugerir leituras que os alunos se identifiquem. - (Profª C). A falta de leitura literalmente. Parece que no Ensino Fundamental a prática de ler para os alunos se perde. - (Profª D). O modo de como é trabalhada a Leitura nesta fase de ensino. - (Profª E). Falta de incentivo por parte de Professores. Precisam vivenciar e saber o valor da Leitura. - (Profª L). Vários fatores: Necessidade de ler e se concentrar mais; Excesso de conteúdo, onde o professor não consegue tempo para contar histórias. - (Profª M) Depende da forma como a história é trabalhada. 	6
Falta de estímulo da família	<ul style="list-style-type: none"> - (Profª H). Falta de estímulo da família. - (Profª I). Falta de estímulo. - (Profª J). Provavelmente não foram incentivados a ler e tão pouco ouviram histórias na escola e/ou em casa. O gosto pela Leitura deve ser desenvolvido desde cedo. 	3
Os livros não são atrativos	<ul style="list-style-type: none"> - (Profª F). Em minha opinião, os livros não são tão atrativos como na Educação Infantil. 	1

APÊNDICE C

Tabela com as respostas do questionário referente à prática

Tabela 5 - Análise das respostas questão 8: Como desenvolver e manter o hábito da leitura nos alunos?

Categoria	Expressões-chave	Total
Através da prática diária	<ul style="list-style-type: none"> - (Profª A). Com a prática diária em sala de aula. - (Profª B). Com a prática diária - (Profª C). Lendo diariamente - (Profª F) A leitura tem que ser feita diariamente - (Profª I). Lendo muito, lendo sempre - (Profª K) Incluindo no semanário 	6
Apresentando histórias de formas variadas	<ul style="list-style-type: none"> - (Profª E). Através do conto realizado de forma variada. - (Profª M). Apresentando as histórias de forma variada. - (Profª H). Oferecer uma leitura leve, alegre, sempre mostrando livros e realizando a leitura com alegria. - (Profª J). Se em casa os pais não tem esse hábito, a escola deve suprir essa deficiência. Quem lê desenvolve melhor outras funções cognitivas. O livro deve ser apresentado à criança. - (Profª D). Promovendo a curiosidade para aquilo que se pode encontrar nos livros. - (Profª G). Estimulá-los com rodas de leituras. - (Profª L). Apresentando as histórias com diversos recursos. 	7

APÊNDICE D

Tabela com as respostas do questionário referente à prática

Tabela 6 - Análise das respostas questão 09: Quais ações pedagógicas você utiliza após a leitura de uma história para seus alunos?

Categoria	Expressões-chave	Total
Utilizo o reconto; dramatizações; desenhos e brincadeiras	<ul style="list-style-type: none"> - (Profª A). Utilizo o reconto, dramatização e etc. - (Profª D). Utilizo o reconto, dramatização e brincadeiras. - (Profª C). Utilizo o desenho. - (Profª E). Geralmente associo com um teatro. - (Profª F). Utilizo o reconto, dramatização e desenhos. - (Profª H). Utilizo o reconto. - (Profª K). Utilizo o reconto, desenho e dramatização. - (Profª M). Utilizo o reconto e desenhos. 	8
Rodas de conversa com aberturas para comentários e discussões	<ul style="list-style-type: none"> - (Profª B). Comentamos e discutimos sobre o enredo. - (Profª I). Realizo questionamentos antes e após a leitura sobre o que o texto ensina. - (Profª J). Procuro ouvir a opinião dos alunos, após a roda de conversa. - (Profª L). Faço um resumo oral do livro, com perguntas sobre o enredo e a respeito do que mais gostaram. 	5
Não faço nada no sentido	<ul style="list-style-type: none"> - (Profª G). Como sou da Educação Física, não faço nada no sentido. 	1

ANEXOS A

Foto da E.M. Maria dos Remédios Carmona Milan

ANEXOS B

Foto dos Professores partícipes do questionário

ANEXOS C

Foto do Projeto Contação de Histórias

ANEXOS D

Foto do Projeto Contação de Histórias

ANEXOS E
Foto do Projeto Contação de Histórias

ANEXOS F

Foto do Projeto Contação de Histórias

ANEXOS G

Foto do Projeto Contação de Histórias

ANEXOS H

Foto do Projeto Contação de Histórias

ANEXOS I

Foto do Projeto Contação de Histórias

ANEXOS J

Foto do Projeto Contação de Histórias

ANEXOS K

Foto do Projeto Contação de Histórias

ANEXOS L

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS.

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre “A potencialidade das Histórias na Educação Infantil e a formação de leitores proficientes” e está sendo desenvolvida por Denize da Encarnação Pontes, do Curso de Mestrado Internacional em Educação da LOGOS UNIVERSITY INTERNATIONAL – UNILOGOS®, sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo Fofonca.

Os objetivos do estudo são: Investigar o potencial de envolvimento que as histórias exercem sobre as crianças da pré-escola, consideradas em termos escolares participantes da primeira infância, para o desenvolvimento do hábito da leitura. A finalidade deste trabalho é contribuir no conhecimento dos profissionais que lidam com a educação, no sentido de desenvolver ações inovadoras e contínuas, que possam despertar o interesse das crianças pela leitura, para que se tornem leitores fluentes e proficientes.

Solicitamos a sua colaboração para responder este questionário, contendo dez perguntas pertinentes ao assunto da pesquisa citada, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da educação e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Informamos que essa pesquisa poderá resultar em índices abaixo do esperado de ações pedagógicas, que se poderia desenvolver com os alunos nas escolas, para a formação do leitor, porém os resultados serão tabulados somente a título de coleta de dados para esta pesquisa.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador (a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (se for o caso). Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Assinatura do (a) pesquisador (a) responsável

Considerando, que fui informado (a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Praia Grande, ____ de ____ de ____

Impressão dactiloscópica

Assinatura do participante ou responsável legal

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a) Denise da Encarnação Pontes, Telefone (13) 991054021 ou para o Comitê de Ética da Logos University International – www.unilogos.org / contact@unilogos.org

026-10-2020

Declaramos que o presente Formulário de Pesquisa
está em conformidade com as Resoluções
466/2012- CNS e 510/2-18

Questionário aplicado aos Docentes "A
potencialidade das Histórias na Educação
Infantil e a formação de leitores proficientes",
como apoio ao desenvolvimento da do Curso de
Mestrado em Educação do Mestranda Denize da
Encarnação Pontes Matrícula nº 10.237

Ano: 2020

Presidente do C.E.P.

DISQUE
SAÚDE
136

SUS+

MINISTÉRIO DA
SAÚDE

PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL